

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



Metáfora Gramatical em Textos de Aprendentes Chineses de PLE

YANG LIU

Mestrado em Português como Língua Estrangeira/Língua Segunda

Dissertação de Mestrado orientada pelo
Professor Doutor António Manuel dos Santos Avelar

2019

I. Agradecimentos

Em primeiro lugar, queria agradecer especialmente ao meu orientador, Prof. Dr. António Manuel dos Santos Avelar pelo seu apoio e suporte consistentes, não só na orientação e no conteúdo da dissertação, mas também nas agruras da escrita académica.

Gostaria de agradecer aos meus pais, por suportar o meu estudo e a vida, quer no aspeto material como mental.

Aos colegas e amigos que durante o curso de Mestrado estiveram envolvidos na minha formação e com quem passamos tempo agradável nos dois anos de luta.

Sem o apoio de todas estas pessoas, creio que as grandes dificuldades por que passei talvez não se tivessem tornado oportunidades e desafios para o futuro, apesar da minha persistência.

II. Resumo

Esta dissertação pretende investigar o modo como Metáfora Gramatical (MG) está presente nos textos dos aprendentes de PLE.

Tendo como referência os textos matriciais (Halliday, 1985/ 1994/ 2004; Martin, 1991; Thompson, 2014) e investigação anterior aplicada ao contexto de aprendizagem de PLE (Avelar, 2008; Sun Yuqi, 2015), o trabalho procura verificar se existe uma correlação positiva entre a densidade da MG nos textos e o nível de proficiência dos aprendentes (níveis B1 e B2 do QECR). Também pretendemos, comparando práticas de escrita dos mesmos géneros discursivos por alunos chineses e outros públicos, no que à MG diz respeito, entender se a interiorização da MG constitui um desafio idêntico ou diferente nestes públicos.

Utilizamos o Corpus de Português Língua Estrangeira/Língua Segunda COPLE2 como fonte de análise, tendo-nos centrado em quatro tipos de texto: opinião, conto, carta e informação. As demonstrações realizadas e os dados obtidos permitem ficar a conhecer melhor a MG enquanto recurso da língua e enquanto categoria privilegiada para fornecer informação com interesse didático.

Palavras chave: Metáfora Gramatical (Metáforas Ideacional e Interpessoal), aprendizagem de PLE, discurso escrito.

Abstract

This thesis aims to investigate how Grammatical Metaphor (GM) influences the writing of students of Portuguese as a Foreign Language (PFL).

This study is based on several academic texts proposed by Halliday (1985/ 1994/ 2004) Martin (1991) and Thompson (2014), as well as on researches related to the study of Portuguese as a Foreign Language/Second Language (Avelar, 2008; Sun Yuqi, 2015). It tries to verify the existence of a positive correlation between the frequency of GM and the proficiency (levels B1 e B2 CEFR). Comparing texts of equivalent genre of Chinese students and of others, we also attempt to comprehend if GM generates identical or different challenges in these groups.

We use Corpus of Portuguese as Foreign Language/Second Language COPLE2 as the resource of analysis, focusing on four main types of text: opinion, recount, letter and information. The demonstrations and results in this study allow us to better understand GM, not only as a resource of language, but also as an important category that offers information of interest to teaching domain.

Key words: Grammatical Metaphor (ideational and interpersonal metaphors), study of Portuguese as Foreign Language/ Second Language, written discourse.

III. ÍNDICE

Agradecimentos	1
Resumo	2
Introdução	11
Capítulo 1. Teorização sobre a Metáfora Gramatical	17
1.1 Metáfora Gramatical	17
1.2 Metáfora Ideacional	25
1.3 Metáfora Interpessoal	31
1.3.1 Metáfora de Modalidade	31
1.3.2 Metáfora de Modo	36
1.4 Metáfora Domesticada	40
Capítulo 2. A Metáfora Gramatical na Língua Chinesa	43
2.1 Referência à Metáfora Gramatical em escritos tradicionais chineses	43
2.2 A Metáfora Gramatical na Língua Chinesa Tradicional	45
2.3 A Metáfora Gramatical em Chinês Literário Moderno	48
2.4 A Metáfora Gramatical em Chinês Acadêmico Moderno	50
2.5 Proximidade Funcional: semelhanças de uso da MG em Português e Chinês	54

Capítulo 3. Análise dos dados presentes em COPLE2	59
3.1 Data e Amostras	59
3.2 Princípios de Seleção	63
3.3 Procedimentos Analíticos	63
3.4 Metáfora de Transitividades no <i>corpus</i>	66
3.4.1 fazer + nome (metaf.) > verbo (congru.)	66
3.4.2 com + nome > advérbio/adjetivo	67
3.4.3 com + nome > expressão causal	67
3.5 Metáfora Interpessoal	75
3.5.1 Metáfora de Modo	75
3.5.2 Metáfora de Modalidade	77
3.6. Apresentação dos dados nos níveis B1 e B2	79
3.7 Comparação dos dados dos aprendentes chineses e europeus.....	82
3.8 Metáfora Domesticada	84
Considerações finais	87
Referência bibliográficas	90

IV. ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 13 tipos de metáfora ideacional propostos por Halliday, (Halliday, 1996, 1999, adaptado)	30
Quadro 2 Exemplos de realização metafórica das proposta e proposição no nexos de cláusula. (adaptado, Halliday, 2004: 630)	39
Quadro 3 Números de textos de estudantes chineses e europeus	60
Quadro 4 Os temas dos diferentes tipos de textos	62
Quadro 5 Texto zh021CVATD (China) 219 - “ <i>Quantos mais meios temos para comunicar, menos temos a dizer uns aos outros</i> ”. (opinião, B2). A negrito, metáfora ideacional; sublinhado, metáfora interpessoal	64
Quadro 6. A classificação de Metáfora interpessoal segundo Liardét	79
Quadro 7. Percentagem de MG nos níveis B1 e B2	80
Quadro 8. Percentagem de Metáfora Ideacional nos níveis B1 e B2	80
Quadro 9. Percentagem de Metáfora Interpessoal nos níveis B1 e B2	80
Quadro 10. Percentagem de MG nos textos dos aprendentes chineses e europeus	82
Quadro 11. Percentagem de Metáfora Ideacional nos textos dos aprendentes chineses e europeus	83
Quadro 12. Percentagem de Metáfora Interpessoal nos textos dos aprendentes chineses e europeus	83

V. ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 Níveis semântico e lexical nas realizações metafórica e congruente	13
Figura 2 Sistema da língua estratificado (adaptado, Halliday & Matthiessen, 2004: 25) ·	20
Figura 3 O sistema funcional na relação entre a semântica e a léxico-gramática (adaptado, Halliday & Matthiessen, 2004: 592) ······	21
Figura 4 Níveis semântico e contextual nas realizações metafórica e congruente	22
Figura 5 Tipos de modalidade	32
Figura 6 Orientação e as expressões de modalidade (possibilidade) (adaptado, Halliday, 2004: 615)	33
Figura 7 Os eixos da metáfora interpessoal (adaptado, Halliday, 1985: 333)	34
Figura 8 Modalidade: exemplos da combinação dos “tipos” e a orientação (adaptado, Halliday, 2004: 620)	35
Figura 9 Tipos de metáfora gramatical interpessoal (Halliday & Matthiessen, 2004: 615; Halliday, 1985: 333; Ravelli, 1988) (adaptado) ······	35
Figura 10 Pedido e oferta de bens-serviços ou de informações (adaptado, Halliday, 2004: 107)	36
Figura 11. A relação congruente entre os modos e as funções do discurso ······	37
Figura 12 A relação metafórica entre os modos e as funções do discurso ······	37

Figura 13 Ser/ir + elemento circunstancial (Deverwianka, 2003: 195).....	42
Figura 14 Percentagens dos textos nos níveis B1 e B2.....	62
Figura 15 Disjunção do significado metafórico e correspondência entre formas metafórica e congruente	69
Figura 16 Disjunção do significado metafórico e correspondência entre formas metafórica e congruente.....	70
Figura 17 Disjunção do significado metafórico e correspondência entre formas metafórica e congruente.....	71
Figura 18 Disjunção do significado metafórico e correspondência entre formas metafórica e congruente.....	72
Figura 19. Disjunção do significado metafórico e correspondência entre formas metafórica e congruente.....	73

Introdução

Esta dissertação é sobre Metáfora Gramatical (doravante, MG) e pretende estudar a sua presença no discurso escrito dos aprendentes de PLE, nos níveis (B1 e B2) tentando contrastar o modo e a frequência do seu uso por aprendentes chineses relativamente a outros públicos. Na verdade, estudos anteriores (Avelar: 2008 Sun: 2015) apontam para uma orientação discursiva que distingue os aprendentes chineses de outros, quer quanto à frequência de uso, quer quanto à variedade, o que sustenta opiniões muito correntes nos agentes de ensino no que diz respeito à tendência destes aprendentes para recorrer a frases simples e curtas. A MG surge neste estudo, portanto, não apenas como instrumento para a descrição de uma língua, mas sobretudo como ferramenta para aceder e tipificar o comportamento discursivo dos aprendentes.

Temos em conta, para este estudo, algumas referências principais (Halliday: 1985/1994/2004; Martin: 1991; Thompson: 2014) que serão capazes de suportar quer as primeiras propostas sobre a MG, quer a evolução dos estudos.

Quando se fala de metáfora gramatical, inevitavelmente, referimo-nos à variação na expressão do significado; exatamente como (M.A.K. Halliday, 1985/1994/2000) sustenta quando, contrastando a visão tradicional com a sua, afirma que, aí, o que está em causa, é o modo como o significado é expresso, não tanto, o modo como uma palavra é usada:

“Here however we are looking at it from the other end, asking not “how is this word used?” but “how is this meaning expressed?” ... From this end, metaphor is variation in the expression of meaning.”

(Halliday, 1985: 320).

Ou seja, a metáfora é vista enquanto processo de transposição de significado, variação metafórica implicando que seja um fenómeno léxico-gramatical e não, simplesmente, lexical. Desta perspectiva, a representação do mundo real através da língua será congruente quando uma entidade (pessoa ou coisa) for representada por um nome; uma qualidade por um adjetivo; uma ação por um processo, etc. (Thompson 2014: 233-251). Halliday (1993) recorre à relação entre a semântica e a léxico-gramática para problematizar o processo de construção, referindo que a relação congruente é natural, o que implica a assunção de que uma forma significante ao nível da realização semântica possa corresponder (ou não) à realização ao nível léxico-gramatical.

Recorramos a um enunciado de um aprendente chinês de PLE, para melhor ilustrar o âmbito desta dissertação:

*Isto evita as rochas caem e **causam destruições** às pessoas ou às propriedades quando o tempo está mal. (zh131CAATF)*

A MG a negrito foi realizada por um aprendente do nível B1, deixando a ideia de que escolha não terá causado nenhuma perplexidade ao aluno e, no entanto, no enunciado ocorrem vários erros que poderão ter a ver com a realização da metáfora. Para o alcance desta dissertação, interessa perceber se o erro é fortuito ou comum, se é mais próprio do aprendente chinês do que de outros aprendentes; finalmente, tentar entender a razão por que o aluno optou pela escolha metafórica em vez da forma mais congruente que poderia ser:

*Isto evita que as rochas caiam e que **por isso destruem** (danifiquem) as*

propriedades quando o tempo está mal.

Acreditamos, como ponto de partida, que a resposta às questões acima, ajudarão a compreender o modo como a MG interfere (ou não) na aprendizagem de um aprendente chinês de PLE.

Note-se que as alterações entre a forma congruente e a metafórica são significativas, como se pode ver na Figura 1, aumentando a complexidade textual:

	realização congruente	realização metafórica
Participante	as rochas, as pessoas, as propriedades	rochas, destruições (danos)
Processo	destroem	causam (destruição)
Relação lógica	por isso	—

Figura 1. Níveis semântico e lexical nas realizações metafórica e congruente

A MG - não será necessário chamar atenção - é uma categoria gramatical que resulta num fenómeno muito presente quer no linguajar quotidiano, quer no discurso mais elaborado, técnico, académico ou literário, chegando ao ensino como um elemento preponderante. É bom não esquecer que, se no discurso quotidiano é possível encontrar alternativas ao uso de MG, em registos técnicos e académicos, tal facto não é possível, e no entanto, este estilo a que se costuma designar por nominalizado, adquiriu um prestígio grande na sociedade e o seu domínio é de tal maneira importante que é impossível participar em comunidades académicas e outras sem o dominar convenientemente (Avelar, 2008: 346). É bom também lembrar que o discurso jornalístico escrito, muito frequentemente usado na aula de PLE, recorre com muita frequência à metáfora gramatical. Não há, portanto, como evitar um pensamento sobre a MG, em particular no ensino, designadamente no ensino de línguas.

Recentemente, tem-se dado mais atenção a estes fatores e à MG, mas há relativamente pouca literatura dedicada ao assunto. Sendo o conceito oriundo da linguística sistémico-funcional, na China começa a haver um interesse crescente na realização de estudos comparativos, embora não exatamente aplicados à aprendizagem duma língua não materna e muito menos aplicados à aprendizagem do português por falantes chineses. Referências anteriores para meu estudo são Avelar (2008) e Sun Yuqi (2015), o primeiro identificando alguns paradoxos relacionados com o uso da MG num grupo de aprendentes chineses de PL2; a segunda, investigando sobretudo a densidade de MGs em manuais de ensino níveis A2 e B1 e recorrendo ao *corpus* que será usado nesta dissertação, o COPLE2 (Corpus de Português Língua Estrangeira/Língua Segunda).

Como no próximo capítulo teremos oportunidade de explorar, a teorização sobre a MG sofreu uma evolução significativa, não tanto quanto à definição inicial do conceito, mas quanto à natureza e extensão dos trabalhos mais recentes, alguns deles centrados na metáfora interpessoal (Halliday: 1985/ 1994/ 2004; Thompson: 2014; Liardét: 2018). Se este trabalho não conseguir definitivamente, como não consegue, revelar o verdadeiro estatuto ou interferência da MG no ensino das línguas, pelo menos procura dar conta do modo como as mudanças estruturais aos níveis semântico e léxico-gramatical se processam e podem ser marcantes no *wording* (fraseado). Partindo de e exemplificando com enunciados dos alunos retirados do *corpus*, e demonstrando as mudanças estruturais à luz da teorização mais recente, acreditamos poder demonstrar o esforço do aprendente na produção do seu enunciado metafórico. Se necessário fosse documentar a importância do que está em causa, bastaria concentrar-nos nas alterações estruturais realizadas na metaforização interpessoal (cf. Capítulo1: 19), em que, baseados nas orientações subjetivo-objetivo, podemos verificar como elas carregam intenções enunciativas tão distintas. Em nosso entender, apesar de estarmos longe de determinar as razões pelas quais os falantes optam pela forma congruente ou metafórica, é possível, sem grande margem de erro, afirmar que essa escolha está marcada culturalmente e sofre forte

influência do contexto em que a interação se realiza.

Qualquer professor de língua não desdenharia ter uma descrição segura das práticas comuns de construção metafórica interpessoal ou mesmo ideacional que sustentassem melhor o ensino da gramática em aula.

Não escondemos que o nosso público-alvo prioritário é o chinês, pelo que é conveniente verificar semelhanças e diferenças na construção de MGs na língua chinesa quando comparada com a portuguesa. Com efeito, as duas línguas têm características tipológicas diferentes, o que confere aos respetivos caracteres funções semânticas, sintáticas e pragmáticas distintas. Neste particular, seguindo os estudos de Gao (2006), Gao & Liu (2014) e de Yang (2007) procuramos pôr em evidência os aspetos mais contrastivos, suscetíveis de influenciar a aprendizagem da nova língua; ora facilitando, ora dificultando.

Para o estudo de produção de escrita dos aprendentes chineses e outros, recorreremos ao *corpus* COPLE 2, à produção escrita dos alunos dos níveis B1 e B2. Neste *corpus*, estão incluídos vários géneros discursivos relacionado de perto com os enunciados das tarefas que lhe são pedidas. No total de 253 textos, 123 dos quais produzidos dos alunos. Os procedimentos analíticos estão fundamentados nas referências teóricas acima afirmadas e as demonstrações dão especial atenção às alterações estruturais do enunciado congruente > incongruente e ao modo como estas são apresentadas e discutidas. A análise do *corpus* centra-se nas metáforas ideacional e interpessoal em presença. As MG textuais foram, portanto, eliminadas como também não foram consideradas as situações mais recorrentes em ambas as línguas, incluindo neste critério, as metáforas domesticadas. Estas últimas merecerão, separadamente, uma referência analítica.

Antecipando um pouco as conclusões principais retiradas das análises de *corpus*, pode-se desde já afirmar que as ideias feitas e muito expandidas de que os alunos

chineses terão mais dificuldades em usar um discurso nominalizado e evitam de uma forma mais clara o recurso à MG não se confirmaram. Verificamos que as ideias não correspondem à realidade e até, considerando o momento inicial da nossa pesquisa, o nível B1, foi possível verificar que os alunos chineses recorrem mais à MG do que os não chineses. Outras observações ao longo do processo confirmarão estas ideias iniciais.

No Capítulo 1 desta dissertação, faremos a discussão teórica do contributo dos vários autores para a MG. No capítulo 2, procuraremos verificar um modo como a MG adquire relevância na China, desde logo, no chinês tradicional; depois, no chinês moderno, e particularmente na linguagem académica. No capítulo 3, depois de explicarmos os critérios de utilização do *Corpus*, precederemos a análise dos dados à sua apresentação. Nas breves considerações finais, teremos em conta os principais raciocínios conclusivos que é possível fazer a partir dos dados do *Corpus*.

Capítulo 1.

Teorização sobre a Metáfora Gramatical

Neste capítulo passaremos em revista o essencial do que os estudos sobre a MG têm produzido, designadamente aqueles cuja preocupação mais diretamente está relacionada com o ensino das línguas. Daremos destaque ao estabelecimento e distinção entre os três tipos dominantes de MG, aos critérios de classificação usados nesta investigação e às propostas dos autores mais relevantes.

1.1 Metáfora Gramatical

O estudo sobre o significado metafórico tem sido objeto de várias abordagens cujas diferenças chegam a afetar a própria noção de “metáfora”. No dicionário Porto Editora, a metáfora é, simplesmente, apresentada como “o recurso expressivo que consiste em usar um termo ou uma ideia com o sentido de outro com o qual mantém uma relação de semelhança”, de resto próximo da asserção original já que “metáfora” deriva da língua grega; “Meta” significando “além de” e o elemento “phora” de “pherein” que significa “carregar”(Azavdaftari, 2015: 16).

Na verdade, tradicionalmente, a maioria dos estudos sobre a metáfora concentram-se numa das suas vertentes: a metáfora lexical. Na maioria destes estudos, a

metáfora é vista como um processo de transposição entre vários significados e da mesma expressão de significado. Tomando como exemplo o paradigmático estudo de Lakoff, a qualidade ou atributo de um objeto é transferida para outro objeto (de domínio de fonte para o de destino), como “*Love is a journey*” (Lakoff, 1993).

Halliday, porém, apresenta que outro propósito analítico, estabelecendo um tipo de relação distinto (transposição, por arrastamento) entre a semântica e a gramática. A metáfora, denominada metáfora gramatical, trata, pois, da variação na expressão do significado

“Here however we are looking at it from the other end, asking not “how is this word used?” but “how is this meaning expressed?” ... From this end, metaphor is variation in the expression of meaning.” (Halliday, 1985: 320).

Podemos verificar a construção teórica de Halliday e o alcance da mesma nos seguintes exemplos extraídos do *corpus* de textos (COPLE2) produzidos por aprendentes de PLE :

1. *Isto evita as rochas caem e **causam** destruições às pessoas ou às propriedades quando o tempo está mal. (zh131CAATF)*

2. *A televisão é o **resultado** do [...] desenvolvimento da sociedade e ciência e ele oferece-nos mais conveniência, além de ouvir notícias e saber a mudança da temperatura, podemos ver filmes para nos divertir. (zh043CAMTI)*

No exemplo 1, onde se verifica uma má seleção do modo, entre outros lapsos, o sentido de “porque” é expresso pelo verbo “causar”, enquanto no exemplo 2, o significado é transferido do verbo para substantivo “resultado”. Um sentido expresso, portanto, por mais de uma forma.

A metáfora assim definida torna-se um poderoso recurso para investigar a produção do significado, na medida em que tem a ver, não só com a construção do pensamento e do conhecimento, como se funda na própria experiência física. Deignan resume em quatro princípios o âmbito da metáfora, do ponto vista do conceito de Metáfora Conceptual, salientando que o fenômeno deve ser olhado não apenas como ferramenta decorativa, mas como algo que se situa no centro do pensamento em língua :

A metáfora constrói o pensamento.
A metáfora constrói o conhecimento.
A metáfora é central para a língua abstrata.
A metáfora baseia-se na experiência física. (trad. nossa)

(Deignan,2005:13)

Uma vez que a MG tem um âmbito de tal maneira vasto, ela não deixará de ser influente na aprendizagem de uma nova língua, razão pela qual coloco a MG no centro da minha investigação. Na verdade, acredito que tal centralidade não deixará de ser fonte de dificuldades na aprendizagem de uma língua estrangeira, designadamente do ponto de vista de compreensão da leitura e da escrita. Segundo Halliday (Halliday: 1996), a metáfora gramatical envolve mecanismos complexos de construção do significado:

“Metaphor, even if not inherently good or bad, is at least inherently complex, and that least metaphorical wording will always be the one that is maximally simple”.

(Halliday, 1985: 329)

No mesmo sentido, autores como Fan Wenfang, (1996) têm enfatizado a irrazoabilidade de avaliar a dificuldade da compreensão de palavras e frases complexas sem dar conta da MG. Os dois autores referiam-se, naturalmente, ao contexto de língua materna; é de crer que esta dificuldade aumenta quando se trata de aprender uma língua não materna.

Segundo Halliday, a MG prende-se com a variação do uso das palavras, uma vez que implica de perto a expressão do sentido. Recentemente, a área de estudo da MG tem-se alargado, tornando-se mais complexa. Do ponto de vista gramatical, o conceito inclui a variação da expressão de significado na medida em que implica que o mesmo significado seja expresso por mais de uma expressão

“Once we look at it this way, however, we recognize that lexical selection is just one aspect of lexicogrammatical selection, or ‘wording’ and that metaphorical variation in the expression of meaning. “

Halliday (1985:320)

Para se entender melhor o alcance do conceito, é necessário ter em conta que a linguística sistémico-funcional concebe a língua enquanto sistema estratificado hierarquicamente (Fig. 2), cujas camadas do contexto, do conteúdo e da expressão transformam a experiência em sentido (Halliday & Matthiessen, 2004)



Fig.2 Sistema da língua estratificado (adaptado, Halliday & Matthiessen, 2004: 25)

O segundo nível, do conteúdo, subdivide-se em léxico-gramática e semântica. A léxico-gramática, por sua vez está estratificada numa escala que vai do morfema à frase (morfema>palavra>grupo>frase). Em conformidade com a estratificação proposta, a metáfora gramatical implica diferentes escolhas entre categorias semânticas e gramaticais (morfossintáticas).

“Grammatical metaphor is the phenomenon whereby a set of agnate forms is present in the language having different mappings between the semantic and the grammatical categories.”

Halliday&Matthiessen (1999:7)

Continua a persistir, porém o problema de uma possível estratificação na componente semântica. Será pertinente revisitar as metafunções propostas por Halliday, na sua relação com a léxico-gramática e a semântica, como está patente na Fig. 3.

semântica	logica	experiencial	interpessoal	textual
	texto			
	sequência	figura	proposição ou proposta	mensagem
Léxico-gramática	complexo de		frase	
	taxis e tipo lógico-semântico	transitividade	modo	tema, informação
	complexo de		grupo	

Fig 3. O sistema funcional na relação entre a semântica e a léxico-gramática (adaptado, Halliday & Matthiessen, 2004: 592)

Por exemplo, no domínio lógico, a sequência é sempre realizada por um complexo de frases e a figura realizada pela frase. No entanto, às vezes, a sequência também pode ser realizada pela frase. É neste sentido que Martin afirma o primado da relação

“Grammatical metaphor (GM) is a resource for expanding the meaning potential of an expression by scrambling the realization relationship between the semantics and the grammar.”

Martin (2008: 829)

Atentemos nos exemplos seguintes em que 3 e 4 foram retiradas do *corpus*¹:

3. Com o Aerobus e o Aeroshuttle, e **mais fácil chegar** ao centro da cidade e aos hotéis.

3'. O Aerobus e o Aeroshuttle **facilitam a chegada** ao centro da cidade e aos hotéis.

4. Eu gosto muito de aprender mais sobre outras culturas e para mim **é um enriquecimento** tão forte encontrar pessoas do todo o mundo.

4' Eu gosto muito de aprender mais sobre outras culturas e para mim **posso enriquecer-me** tão fortemente por encontrar pessoas do todo o mundo.

No exemplo, o sentido da frase 3, é metafórico porque se expressa através de uma expressão “facilitar a chegada”, pode ser expresso por uma forma mais congruente, como

¹ Sempre que possível exemplificaremos com enunciados retirados do corpus. Nestes, frequentemente, são visíveis interferências ou usos errôneos dos autores.

em 3', em que a expressão “ser mais fácil chegar” recorre a um processo relacional (ser) e à congruente realização do adjetivo (fácil), seguida do processo (chegar).

Na frase metafórica 4, o processo relacional (ser) constrói sentido com o nome (enriquecimento); ambos, em 4' são expressos pelo processo material (enriquecer), embora auxiliado pelo modal (poder). Acresce o facto de, na frase congruente o valor de “fortemente” (circunstância) ser realizado, na frase metafórica, pelo adjetivo “forte”.

No exemplo acima, “*Porque existem o Aerobus e o Aeroshuttle, é mais fácil chegar ao centro da cidade e aos hotéis.*”, a frase está mais perto do mundo externo na medida em que a ação é expressa pelo verbo “chegar”, **congruente** com o mundo real e não quando expressa pelo nome a “chegada”. Assim, a representação do mundo real através da língua será congruente quando uma entidade (pessoa ou coisa) é representada por um nome: uma qualidade por um adjetivo... (Thompson 2014: 222). Halliday (1993), utiliza a relação entre semântica e léxico-gramática para distinguir os dois termos, referindo que a relação congruente é natural. Por outras palavras, trata-se de uma forma significativa ser realizada ao nível semântico poder corresponder (ou não) à do nível léxico-gramatical.

Atentemos, para melhor compreensão, no exemplo seguinte:

5. *Isto evita as rochas caem e causam destruições às pessoas ou às propriedades quando o tempo está mal.*

5'. *Isto evita as rochas caem e por isso destruem (danifiquem) as propriedades quando o tempo está mal.* (congruente)

Entre a construção metafórica do aluno no enunciado 5 e a versão congruente proposta 5', registamos as alterações que podemos ver na figura 4:

	realização congruente	realização metafórica
Participante	as rochas, as pessoas ou as propriedades	rochas, destruições (danos)
Processo	destroem	causam (destruição)
Relação logica	por isso	—

Figura 4. Níveis semântico e contextual nas realizações metafórica e congruente

Como se pode observar na figura, na realização metafórica, não existe relação lógica, ou melhor, a relação lógica não é feita a partir de uma perspectiva léxico-gramatical

como uma mera estrutura lógica, com no caso de oração congruente “por isso”. Este significado é construído a partir do verbo “causar”. Naturalmente, estamos perante um exemplo de uma frase construída por um aluno que apresenta deferência e em que a palavra “destruição” seria melhor substituída por “danos”. Os participantes em ambas as realizações parecem idênticos. De facto, “rochas”, “as pessoas” e “as propriedades” são mantidas, mas na realização metafórica, por causa de alterações contextuais ao nível da léxico-gramática, há a acrescentar “destruições” ou “danos”, tal como foi escolha do aluno. Por razões acima apontados, o processo na oração congruente, é o processo “destruir”; na realização metafórica, é o processo que assume o valor incluído na realização lógica “por isso”.

Apesar de, geralmente, as propostas de Halliday coincidirem com as de Thompson, este autor em *“Introduction to Functional Grammar”* (2014), introduz algumas nuances conceituais quanto à noção de congruência. De acordo com Thompson, há dois tipos de correspondência entre expressão e significado; mais congruente e mais metafórico. Na verdade, o autor usa propositadamente os termos “mais congruente” e “mais metafórico”, dado que acredita não existir uma distinção absoluta entre as formas congruentes e metafóricas, tratando-se de uma questão de grau.

“We can therefore give a provisional definition of of grammatical metaphor as: the expression of a meaning through a lexico-grammatical form that originally evolved to express a different kind of meaning. The expression of the meaning is metaphorical in relation to a different way of expressing the ‘same’ meaning that would be more congruent.”

Thompson (2014: 236)

Ainda, reportando-se ao uso da ordem, o autor reitera a perspetiva anteriormente afirmada:

“As I pointed out in the case of the declarative command, the choice of a more metaphorical wording construes a different meaning from the choice of a more congruent wording.”

Thompson (2014: 237)

Trata-se de uma referência a exemplos como os seguintes,

“Podias fechar a luz?”

“Fecha a luz!”

Ambos os enunciados, apesar de exprimirem o mesmo significado e constituírem o mesmo ato de fala, diferem no grau de delicadeza – a primeira é mais delicada, conseqüentemente, menos congruente do que a segunda.

Thompson relativiza a relevância das duas formas, afirmando que as formas metafóricas não são piores nem melhores do que as congruentes, só se aplicam a contextos diferentes. “There will be many factors influencing the extent to which metaphorical wordings of a particular kind might be preferred in particular context” (Thompson, 2014: 237).

A teorização sobre a MG evoluiu entre a primeira edição de “*Introduction to Functional Grammar*” e a de 2004. No seu estado atual, mais do que a mera constatação das diferenças contextuais e de superfície entre as realizações congruente e metafórica, dá-se relevo a uma ordem mais elevada de significado semiótico definido pelos níveis semântico e léxico-gramatical, em que o primeiro não faz apenas a interface natural com o outro nível, mas também com o mundo real:

“In the higher order stratified semiotic, meaning is created across a semiotic space which is defined by the *semantic* stratum (itself interfacing, as before, with the world of experiential phenomena) and the *lexicogrammatical* stratum, a new, purely abstract level of semiotic organization which interfaces only with the two material interfaces.”

Halliday (1996: 189)

A léxico-gramática é concebida como o nível que confere a energia semiótica do enunciado. Halliday sintetiza de forma clara a nova abordagem à MG, enfatizando o facto de o significado estar diretamente ligado à organização estratificada. Só é possível a metáfora porque há uma organização estratificada:

“Thus, grammatical metaphor, like metaphor in its traditional, lexical sense, is a realignment between a pair of strata: a remapping of the semantics on to the lexicogrammar; hence the term ‘reconstrual’ being used here to refer to it. It depends entirely on the stratal organization of language, there could be no metaphor without stratification — and once the content plane has become stratified, such transformation automatically becomes possible.”

Halliday (1996: 192)

Segundo proposta de Halliday (2004), o poder de significação concentra-se em dois domínios semânticos principais – a expansão e a projeção. Um domínio semântico pode ser expresso nos vários domínios gramaticais, que se dá relevo à metáfora interpessoal.

Na carta de reclamação, um acto indireto realizando um ordem:

6. *Espero que me devolvam 20% de dinheiro total.*

6'. *Devolvam-me 20% de dinheiro total!*

A forma “Espero que me devolvam...”, realização metafórica do aluno, é modificável para uma forma mais congruente (6’), onde, tal como Halliday propõe, se verifica uma conexão com projeção, na exata medida em que o modo de discurso, tal como na modalidade, é realizado através de uma proposição substantiva:

“In other words, just like modality, speech function can be represented as a substantive proposition in its own right; and this proposition is a figure of sensing or saying that projects the original [i] proposal or [ii] proposition. “

Halliday (2004: 627)

Outra consequência estrutural é a transformação de uma frase imperativa (congruente) em declarativa (metafórica).

1.2 Metáfora ideacional

A tipologia da MG está, como não poderia deixar de ser nesta abordagem, ligada à teorização funcional e ao estabelecimento por Halliday do modelo tripartido (trinocular). Em consequência, a construção metafórica recebe a designação consoante o universo funcional em que ocorre. Assim, num enunciado metafórico em que o que está em causa é o modo como “o que está a acontecer” no mundo real é representado, a metáfora será “ideacional”, por vezes também designada de “transitividade” em virtude do sistema que a realiza.

Segundo Halliday, a chamada “metáfora ideacional” (ou metáfora experiencial) permite estabelecer conexões do mundo exterior com a nossa linguagem:

“(…) grammatical metaphor of the ideational kind is primarily a strategy enabling us to transform our experience of world: the model of experience construed in the congruent mode is reconstrued in the metaphorical mode, creating a model that is further removed from our everyday experience — but which has made modern science possible.”

Halliday & Matthiessen (2004: 646)

Halliday destaca três elementos a que dar atenção na análise da metáfora ideacional: a saber, (1) seleção do tipo de processo, (2) configuração das funções (participante, circunstância, etc.), e (3) realização das funções por grupos-enunciado (grupo verbal, nominal, adverbial, etc.). Propomos os seguintes exemplos retirados de títulos da imprensa noticiando o mesmo facto:

7. A UE requer uma completa e cuidadosa investigação e explicação dos acontecimentos de 9 de novembro. (adaptada, europa.eu)

7'. Os acontecimentos de 9 de novembro serão investigados e explicados completa e cuidadosamente por exigência da UE.

Em 7, a ação realizada pela UE exprime-se através de um processo verbal “requerer” que se prende com a estrutura Dizente + Processo + Verbiagem. A EU assume, neste enunciado, uma posição de poder que em 7' é realizado através de um SPrep (por exigência da EU). Em contrapartida, neste enunciado de construção passiva, recorre-se ao processo relacional cujo complemento (investigado) tem valor material.

Nestes enunciados, não forçosamente metafóricos, os dois autores recorreram a configurações distintas das componentes essenciais (participantes, processos, circunstâncias) para realizar o mesmo significado, retirando, daí os efeitos desejados. Note-se que, em 7, a preponderância da ação da EU é superior a 8.

Atentemos nos enunciados seguintes

Assim, ao participarmos a informação de que o telhado da casa foi destruído pelo vento, podemos fazê-lo de uma forma congruente (como em 8) ou metafórica como em 8':

8. O vento destruiu o telhado da casa.

8'. A destruição causada pelo vento atingiu o telhado da casa.

Os participantes (vento e casa) Ator e Meta, respetivamente, estão ligados por um processo (destruir) que é “material”, do subtipo criativo, em virtude de a ação associada provocar uma mudança no mundo real.

Em 8', trata-se de outro processo (atingir), embora da mesma categoria, mas de um sub-tipo que envolve movimento no espaço. Na construção metafórica outros elementos são modificados; o valor de “Destruir” realiza-se semanticamente no participante “destruição”, sendo necessário, para dar conta do valor (criatividade; ação criativa) incluir uma circunstância causal “causada pelo vento”. Trata-se, de acordo com Halliday, de uma mudança de domínio de realização gramatical que pode ocorrer de complexo oracional para oração, de oração para grupo ou sintagma, e ainda de grupo ou sintagma para palavra:

“In contrast, the general tendency for ideational metaphor is to ‘downgrade’ the domain of grammatical realization of a semantic sequence, figure or element—from clause nexus to clause, from clause to group/phrase, and even from group or phrase to word (...). Such downgrading affects both the unit whose domain of realization is downgraded, and the units of which it is composed: the downgrading proceeds down the rank scale by a kind of ‘domino effect’. The downgrading may start with (i) a whole sequence of figures, (ii) with a single figure, or (iii) with a single element within a figure.”

Halliday & Matthiessen (2004: 646)

Atentemos na frase produzida pelo aprendiz (adaptada):

9. *De facto, a fome (no país) pode **resultar** da falta de **controlo do governo**.*

9'. *De facto, **há** fome no país, provavelmente **porque o governo não controla eficazmente**.*

Podemos observar que, na frase metafórica, o sentido é contruído pelo processo “resultar”, em vez da relação lógica “porque”. Este facto tem como consequência a combinação de orações; ou seja, verificou-se um movimento do complexo oracional à oração. Por outro lado, o enunciado contendo a forma metafórica “controlo do governo” é suscetível de se realizar congruentemente por “o governo não a controla” - a oração torna-se num grupo nominal dominado pelo nome “controlo”; o participante original “o governo” torna-se num modificador do participante novo.

Porque todos os movimentos se prendem com os elementos principais da expressão da experiência, designamos esta metáfora por metáfora ideacional.

Para uma melhor sistematização e considerando as dificuldades de identificação da metáfora ideacional, Halliday e Matthiessen (1999), referem o processo central a que chamam de transcategorização. Segundo Derewianka (2003: 189), a transcategorização pode ser considerada a mudança da classe de uma palavra para a outra, de substantivo para adjetivo, de verbo para substantivo, de adjetivo para verbo, etc. De facto, o fenómeno de transcategorização ocorre em todas as línguas, sendo que a derivação é um dos seus recursos, como abaixo se pode ver:

analisar (processo) — analista (coisa: que ou quem analisa)
desenvolver (processo)— desenvolvimento (coisa: ato ou efeito de desenvolver)
calmo (qualidade) —acalmar (processo: tornar ou ficar calmo ou mais calmo)

No entanto, MG e transcategorização são dois fenómenos distintos – nem todos os casos de transcategorização constituem uma MG:

“Unlike the other elements, which lose their original status in being transcategorized (for example, shaker is no longer a process, even though it derives from the word shake), these have been construed into things. They are thus a “fusion”, or “junction”, of two semantic elemental categories: shakiness is a “quality thing”, development is a “process thing”. All such junctional elements involve grammatical metaphor.”

Halliday (1999: 243)

Para efeitos de comparação entre a transcategorização e a MG, atente-se nos seguintes enunciados:

*10. Trata-se, neste momento, do único **sobrevivente**, visto que os outros dois cidadãos gregos que foram condenados e detidos já morreram, vítimas da condição desumanas nas prisões egípcias. (europarl.europa.eu)*

*11. Apenas trabalhavam para a sua própria **sobrevivência** e a da sua família. (europarl.europa.eu)*

Note-se que apenas, no exemplo 11, “sobrevivência” combina a função de participante com a de processo “sobreviver”, enquanto no exemplo 10, a palavra

“sobrevivente” corresponde à situação em que há única função (participante), uma vez que significa “pessoa que sobrevive”.

A distinção entre os dois fenômenos confere à investigação o rigor e a exatidão necessária.

Em consequência do que acima foi dito, a nominalização torna-se um recurso importante da metáfora gramatical, designadamente ao nominalizar verbos, adjetivos, conjunções, etc. Sendo, de acordo com Halliday, “any element or group of any elements takes on the functions of a nominal group in the clause” (1985: 42), trata-se de um recurso que desempenha um papel essencial nos textos científicos e tecnológicos em que predominam os estilos nominalizados. Por exemplo, um processo codificado em nome, como a seguir:

12. *Vá-lá, pratica a nossa campanha e ajuda quem precisa de **apoio!***

12'. *Vá-lá, **apoia** a nossa campanha e ajuda quem precisa.*

O enunciado 12' é mais congruente por solicitar o apoio (à campanha) e ajuda a quem precisa - duas ações congruentemente separadas, enquanto em 12, o apoio (nominalização) recai apenas sobre quem precisa, havendo o recurso ao verbo “praticar” manifestamente por dificuldade do aluno em encontrar equivalente semântico. O discurso torna-se mais condensado num enunciado metafórico, e com maior densidade lexical. Por esta via, os textos científicos e de maior tecnicidade recorrem com mais frequência à MG. No artigo “Nominalization in science and humanities: Distilling knowledge and scaffolding text”, Martin (1991) discute a importância da MG, especialmente nos discursos científicos e históricos, quando se pensa em facilitar o acesso dos alunos nas escolas primárias e secundárias à academia:

“A congruent relationship is one in which the relation between semantic and grammatical categories is natural: people, places, and things are realized nominally; actions are realized verbally; logically relations of time and consequence are realized conjunctively, and so on.”

Martin (1991: 328)

Com efeito, só falantes especializados têm acesso aos recursos para produzir um texto, sobretudo escrito, quando exige um alto grau de precisão e densidade; no entanto, a MG está patente em todos os tipos de discursos.

Halliday (1996, 1999) sugere 13 tipos de metáfora ideacional que abaixo apresentamos:

Mudança semântica	Mudança lexicogramatical	Exemplos
1. de qualidade para participante	de adjetivo para substantivo	instável — instabilidade
2. de processo para participante	de verbo para substantivo	desenvolver— desenvolvimento
3. de circunstância para participante	de preposição para substantivo	Com— (acompanhamento)
4. de relator para participante	de conjunção para substantivo	porque— resulta (de), causa (de)
5. de processo para qualidade	de verbo para adjetivo	começar—inicial
6. de circunstância para qualidade	de advérbio/preposição para adjetivo	como- semelhante (a)
7. de relator para qualidade	de conjunção ou loc. prep. para adjetivo	por isso— resultante (de)
8. de circunstância para processo	de ser/ir preposição para verbo	ser sobre— focar (-se) em
9. de relator para processo	de conjunção para verbo	porque— resultar de, causar
10. de relator para circunstância	de conjunção para preposição	Se (oração cond.)—sob a condição de
11. (zero) para participante		o fenómeno de
12. (zero) para processo		acontecer
13. de participante para (expansão)	de substantivo para várias formas	o governo decidiu— a decisão que o governo tomou

Quadro 1. 13 Tipos de metáfora ideacional propostos por Halliday (Halliday, 1996, 1999, adaptado)

1.3 Metáfora interpessoal

A metáfora interpessoal diz respeito à transmissão da atitude face às informações, ou seja, ocorre sempre que se trata predominantemente de uma alteração incongruente em virtude do significado interpessoal, tal como Jiang sugere:

“Interpersonal function is associated with the information exchange, establishment and maintenance of interpersonal relationship, and the influence on other’s behavior and the expression of people’s view of world by means of language”.

Jiang (2011: 7)

Segundo Halliday (1985), a metáfora interpessoal consiste em metáfora de modo e de modalidade; a última proporciona possibilidades alternativas de modalidade, enquanto a primeira se concentra nas formas possíveis de função de discurso.

1.3.1 Metáfora de modalidade

A modalidade diz respeito à atitude do falante face ao destinatário e ao seu próprio texto. A explicação deste conceito tem que ser encontrada na obra de Halliday:

“Modality means likely or unlikely (if a proposition), desirable or undesirable (if a proposal). A proposition or proposal may become arguable through being assessed in terms of the degree of probability or obligation that is associated with it.”

Halliday (2014: 116)

Para efeito da realização das funções de discursos diferentes, foram produzidas as distintas modalidades:

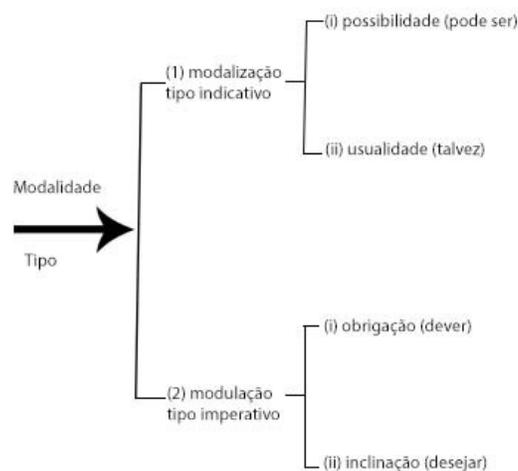


Fig 5. Tipos de modalidade

A metáfora de modalidade consiste na extração da modalidade congruente na oração e reconstrói-a metaforicamente como outro elemento (Halliday & Matthiessen, 2004; Ravelli, 1988). Deste modo, este tipo de metáfora decorre do realinhamento das relações entre a semântica e a gramática e, em regra, é realizada por uma oração mental projetante e pela requerida oração projetada. (Halliday, 2004: 614. Alguns exemplos do *corpus*:

13. *Portanto, acho que os portugueses são muito simpáticos.*

13'. *Portanto, os portugueses são muito simpáticos.* (congruente)

No exemplo 13, a frase introduzida por “*acho que*” (oração mental projetante), enquanto na frase 13', apesar de ter mesmo sentido, o locutor não inscreve a restrição (opinião pessoal), apresentando-a como se de uma verdade generalizada se tratasse. A distinção entre ambas é possível realizar-se através da orientação subjetivo/objetivo, explícito/implícito.

Necessário será precisar os termos usados; segundo Thompson (2014: 76), o termo “implícito” indica que a modalidade ocorre na mesma oração da principal, enquanto “explícito” implica que a modalidade se expressa na oração mental.

Halliday sugere a seguinte sistematização da MG interpessoal de modalidade (ver Fig

6)

Categoria		Tipo de realização	Exemplo
subjetivo	explícito	penso que, creio que, estar certo que	Penso que é um bom compromisso de desenvolvimento. (europa.eu)
	implícito	há que (fazer algo) (will/would)	A Teresa há-de passar por cá.
objetivo	implícito	possivelmente, certamente, definitivamente	O objectivo da adesão é, certamente, o estímulo mais poderoso de reforma que podemos conceber. (europa.eu)
	explícito	(não) é possível que, é certo que	É possível que este dinheiro vá financiar outras estruturas. (europarl.europa.eu)

Figura 6. Orientação e as expressões de modalidade (possibilidade) (adaptado de Halliday, 2004: 615)

Importa referir que além das expressões dos tipos apresentados na figura acima, existem realizações através de grupos preposicionais, como por exemplo, *na minha opinião, com todas possibilidades*. Halliday (1985: 333), modeliza as orientações e as expressões possíveis através da figuração que está adaptada em Fig. 7:

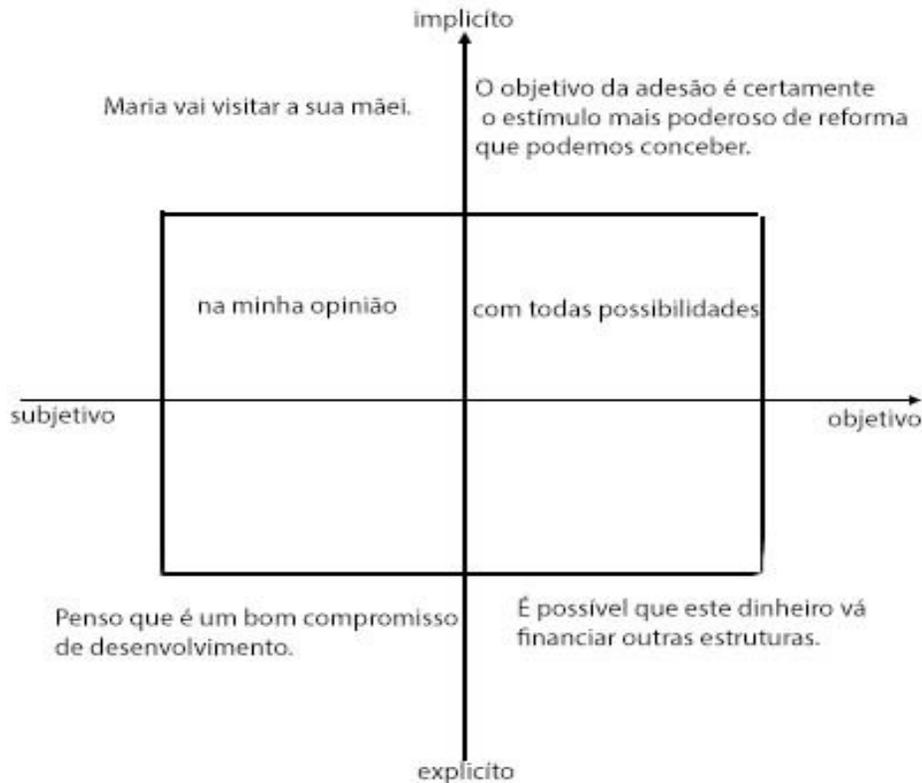


Figura 7. Os eixos da metáfora interpessoal (adaptado, Halliday, 1985: 333)

A figura mostra claramente a relação entre as orientações e as expressões. Podemos observar que, dentro das várias formas possíveis, nem todas são metáforas interpessoais, apenas as consideradas *subjetivas-objetivas explícitas* e as que recorrem a grupos preposicionais constituem a metáfora de modalidade. As formulações consideradas implícitas não são metáforas de modalidade. Estas formulações, entretanto, são trabalhadas de forma mais sistemática e holística na teoria da Avaliatividade (Martin: 2008).

Quanto às formas *implícitas*, o estudo de Thompson (2014: 75), considerando a “*responsabilidade modal*”, refere os operadores verbais modais e os adjuntos de modo. Na língua portuguesa, os operadores verbais modais consistem em verbos que exprimem obrigação (dever, necessitar, obrigar, precisar, ter de, etc.) e em verbos que exprimem possibilidade (dever, poder, etc.). Além disso, alguns advérbios estão aptos a desempenhar a função de adjuntos de modalidade. Neste caso, envolvem possibilidade e frequência (cf. *provavelmente, certamente, talvez, sempre, nunca*, etc.) No entanto, os operadores verbais modais e os adjuntos de modo não representam uma metáfora gramatical, sendo vistos como formas implícitas.

Para além modalidade apresentada na Fig.6, epistémica, de possibilidade, podemos considerar outros três tipos de modalidade; nomeadamente, a usualidade, a obrigação e a inclinação, como representado na fig.8

	Subjetivo	Subjetivo	Objetivo	Objetivo
	explícito	implícito	implícito	explícito
possibilidade	Penso que a Maria sabe.	A Maria há-de saber.	Possivelmente, a Maria sabe.	É possível que a Maria saiba.
usualidade		O João vai sentar-se silenciosamente.	O João senta-se sempre silenciosamente.	É habitual o João sentar-se silenciosamente.
obrigação	Desejo que o Mário participe no evento.	O Mário deve participar no evento.	O Mário é suposto participar no evento.	Espera-se que o Mário participe no evento.
inclinação		A Ana vai ajudar.	A Ana está interessada em ajudar.	

Figura 8. Modalidade: exemplos da combinação dos “tipos” e a orientação (adaptado, Halliday, 2004: 620).

Baseada nas orientações subjetivo-objetivo e explícito-implícito, é possível adicionar a dimensão da polaridade na expressão subjetiva e objetiva explícita. Por exemplo, *Não penso que a Maria sabe / Não é possível que a Maria saiba*, bem como, atribuir valoração à modalidade: alto, médio e baixo. (Halliday, 2004: 620).

Liardét (2018: 67), reinterpretando as propostas de (Halliday&Matthiessen, 2004: 615; Halliday, 1985: 333; Ravelli, 1988) sugere a classificação para enunciados que realizam uma metáfora interpessoal que pode ser vista na Fig. 9.

Tipos de metáfora gramatical interpessoal	Exemplos congruentes → incongruentes	Função na frase
Intermédio, implícito—explícito, subjetivo	possível, provável na minha opinião →	circunstância
Intermédio, implícito—explícito, objetivo	probabilidade, certo com toda a certeza →	circunstância
explícito, subjetivo	possível, provável acho que, acredito que →	oração projectante
explícito, objetivo	seguramente, certamente é provável que →	oração projectante
modal enquanto coisa	seguramente, provável probabilidade, possibilidade →	participante

Figura 9. Tipos de metáfora gramatical interpessoal (Halliday&Matthiessen, 2004: 615; Halliday, 1985: 333; Ravelli, 1988) (adaptado)

Liardét, além das orientações da metáfora gramatical interpessoal acima referidas, dá conta do recurso a estratégias diferentes que, de certo modo, sugerem as possibilidades exploradas pelos aprendentes no *corpus*. Por exemplo, no que diz respeito à orientação explícito—objetivo, são selecionadas expressões diferentes, como “*É indiscutível que*”, “*As pessoas pensam que*”, “*É possível*”, etc. Interessa, pois, neste estudo, confirmar estas observações de Liardét e analisar os enunciados no *corpus*, no próximo dois capítulos.

1.3.2 Metáfora de modo

Na última secção, foi brevemente apresentado o que de mais importante implica a metáfora de modalidade; porém, a metáfora interpessoal reveste-se de outra dinâmica a que fazem referência os principais autores: a metáfora de modo, uma tipologia metafórica que é mais frequente no discurso oral.

Numa interação, sobressaem dois papéis principais no discurso—dar ou pedir, também considerados “convidar ou receber” ou “convidar e dar”. No que diz respeito ao que está em causa nessa interação, a troca de mercadorias (sentido lato, para usarmos os termos de Halliday), é suposto considerar-se duas naturezas; a troca de bens-serviços e a troca de informação (Halliday,2004: 107). Tendo em conta estas considerações, as funções do discurso podem ser sintetizadas em quatro realizações tipo, como se pode observar no fig. 10.

	troca de mercadorias	
papel no discurso	bens e serviços	informação
oferta	oferta <i>Quero que fique bem claro que o Eurocontrol faz a coordenação dos voos a priori. (europarl.europa.eu)</i>	declaração <i>Dão-nos a oportunidade de demonstrar que <u>estamos preparados para nos apoiarmos mutuamente nos tempos difíceis.</u> (europarl.europa.eu)</i>
pedido	ordem Dá-me por favor. (bjnewlife.org)	pergunta Porque se propõem novas medidas de desenvolvimento rural?

Figura 10. Pedido e oferta de bens-serviços ou de informações (adaptado, Halliday, 2004: 107)

De uma maneira geral, a declaração, a pergunta e a ordem num discurso congruente, são realizadas, respetivamente, pelos modos declarativo, interrogativo e imperativo (fig. 11).

Função de discurso (semântico)	Tipo de modo (gramatical)
Declaração	Declarativo
Questão	Interrogativo
Ordem	Imperativo

Figura 11. A relação congruente entre os modos e as funções do discurso.

A oferta constitui uma exceção por poder ser expressa através de vários modos.

Se nos reportarmos ao significado metafórico, a função do discurso realiza-se através de outros modos, como está patente fig 12,

Função de discurso (semântico)	Tipo de modo (gramatical)
Declaração	Interrogativo, Imperativo
Questão	Declarativo, Imperativo
Ordem	Declarativo, Interrogativo

Figura 12. A relação metafórica entre os modos e as funções do discurso

Atente-se em alguns exemplos que ilustram a metáfora de modo nos termos apresentados no fig. 12:

(i)

a. *Não achas melhor vestir o casaco? (está a chover...)*

b. *Veste o casaco! (olha que está a chover...)*

c'. *Está a chover. (o pai para o seu filho)*

Num contexto relacional pai-filho, em dia de chuva, a declarativa “está a chover”, assume, claramente o valor imperativo, valor este realizado em, respetivamente a. e b. por uma interrogativa e por uma imperativa.

(ii)

a. *Está na hora de me dizeres o teu nome.*

b. *Diz-me o teu nome!*

c' *Qual é o teu nome?*

A pergunta congruente “Qual é o teu nome?” (proposição, pedido) é realizada em a., através de uma declarativa em b., através de uma imperativa. Em ambas é evidente o efeito metafórico. Um caso muito idêntico é o verificado em d., onde a modificação do modo gramatical (condicional) se realiza no verbo modal “poder” que introduz o complexo oracional.

d. Poderia dizer-me que avaliação faz desta situação? (europarl.europa.eu)

d'. Que avaliação faz desta situação?

(iii)

a. Beber o chá vai fazer-te bem à dor de cabeça.

b. Não te importas de beber o chá?

c' Bebe o chá!

Em a. e b. são realizadas ordens (proposta), não recorrendo ao modo gramatical congruente (imperativo), mas, em a., através de uma declarativa; em b., através de uma interrogativa. A frase congruente possível seria “Bebe o chá!”. Convém notar que a forma congruente tem pouca aceitação no interior da cultura portuguesa, exceto em interações particulares (cf. relação pais-filhos, de grande intimidade ou familiaridade).

Muitas outras combinações e realizações são de conceber, a partir dos elementos acima fornecidos. Dentro destas, ressalta o recurso a verbos modais, como se exemplifica abaixo:

*c. Para ser candidato **deve** possuir um nível de estudos correspondente a um ciclo completo de estudos universitários de, pelo menos, três anos, sancionado por um diploma. (eur-lex.europa.eu, adaptado)*

*d. **Poderiam** enviar-me este documento? (eur.lex.europa.eu)*

Em c., a declarativa que realiza uma oração congruente como “obtenha o diploma” contém o modal “dever”; em d., a ordem congruente “envie-me esse documento” é realizada metaforicamente através de uma interrogativa que inclui o verbo “poder”, portanto modalizada.

Halliday (2004), na secção destinada a analisar a realização metafórica de proposições e propostas, sustenta que a proposta ou a proposição com funções distantes estão aptas, numa metáfora de modo, a ser projetadas numa oração de sentir ou dizer. Poder-se-á atribuir esta característica ao facto de a realização da metáfora interpessoal se efetuar através de uma elevação de nível, facto que não se regista na metáfora ideacional.

“The metaphoric strategy is to upgrade the interpersonal from group rank to clause rank — from an adverbial group or prepositional phrase serving within a simple clause to a clause serving within a clause nexus of projection.”

Halliday (2004: 626)

O mesmo autor, reiterando as suas considerações acerca das realizações metafóricas de proposições e propostas propõe uma sistematização que adaptamos no quadro seguinte:

	declarativa		interrogativa	: sim ou não	
falante (falante+) (sujeito)	(Eu) imploro (imploramos) que... Quero (queremos) que	(Eu) aconselharia -aconselhava que Gostaria (gostaríamos) que	Posso (podemos) sugerir que...		ordem
	Garanto (garantimos) que	Posso (podemos) assegurar que	Poderia dizer-me que?		declaração
	Pergunto(perguntamos)- lhe se Não sei (sabemos) se...	Tenho (temos) de perguntar se Não podemos deixar de nos questionamos se...	Posso perguntar-lhe se?		pergunta
destinatário (sujeito)					ordem
		Deve acreditar que...	Acreditaria que ...		declaração
		Deve dizer-me se?	Diria que? Poderá dizer-se se?	Quer dizer que?	questão
	tempo: presente	modal: modulação		tempo: presente	

Quadro 2. Exemplos de realização metafórica das proposta e proposição no nexos de cláusula. (adaptado, Halliday, 2004: 630)

O que acima foi dito relativamente ao significado metafórico não esgota a complexidade de realizações possíveis quer em termos de metáforas ideacionais, quer no que diz respeito às metáforas interpessoais. Haveria ainda a considerar a metáfora textual, no entanto, como tem muito menos pertinência para a nossa investigação, abstermo-nos de a apresentar, até porque, em certa medida, a teorização ainda não estabilizou e até envolve uma certa controvérsia, como fica patente em Yang (2018), autor chinês que refletiu sobre o assunto:

“Because textual function is the 2nd order function, it is not necessary to differentiate a separate textual GM. Rather, it is all about ideational and interpersonal grammatical metaphors that create textual effects and help reconstrue text to foreground certain ideational and interpersonal meaning.”

Yang (2018: 219)

1.4 Metáfora domesticada

Halliday (1985,1994: 327), refere que identificou, na história das maiorias das línguas, um fenómeno comum que consiste no facto de algumas metáforas gramaticais perderem gradualmente a sua característica de metáfora – desmetaforizando-se. Como o fenómeno consiste no desaparecimento de algumas propriedades, Halliday refere estas metáfora, inicialmente, por— metáforas mortas (M.A.K. Halliday & Matthiessen,1999). Mais tarde, dando conta do processo de assimilação na linguagem comum, designou-as por metáforas domesticadas (M.A.K.Halliday & Matthiessen,1994/2000). Outros autores, como Dererwianka (2003) denominam o fenómeno de “fade metaphor” (Dererwianka 2003: 192). Na realidade, o fenómeno ocorre sempre que uma determinada configuração metafórica é integrada no linguajar comum, deixando o falante de ter consciência de que se trata de uma realização particular. Por exemplo, na sua origem, a expressão “tomar banho” é eminentemente metafórica, tendo em conta o valor do processo e do nome envolvidos; porém, o falante usa-a no seu dia a dia sem que sinta qualquer percalço semântico. Como é natural, processos desta natureza desenvolvem-se ao longo do tempo pelo que não é de mais ressaltar a sua imprevisibilidade, como deixa entender Derewianka:

There is no clear line, however, between moribund and living metaphors. As soon as an original metaphor appears and starts to become institutionalised, it begins to lose its power to call up ideas which the words once expressed (Hegel, in Cooper 1986).”

Derewianka (2003: 192)

Têm sido propostas classificações para este tipo particular de metáfora, tendo em conta, sobretudo, a sua génese; desde logo, Halliday (1985, 1994) propõe três tipos cuja composição é a seguinte:

(a). Processo material ou comportamental + escopo (cf. *tomar banho, fazer erros*, etc., em que o escopo - banho, erro – é sempre relativo ao processo - banhar-se, errar). Derewianka refere que este é o tipo de metáfora domesticada mais usado. Trata-se, no fundo, de uma situação em que o processo é codificado em grupo nominal, funcionando como escopo (“range”, em inglês), ficando o verbo reduzido nas suas funções semânticas uma vez que apenas sinaliza o facto de um processo estar a ocorrer:

“(...) where the verb simply expresses the fact that some process takes place, and carries the verbal categories of tense, polarity and so on, while the process itself is coded as a nominal group functioning as Range.”

Halliday (1985, 1994: 327)

O escopo, ainda de acordo com Halliday pode conceber-se em duas dimensões: o domínio em que o processo acontece (cf. *subir uma montanha, tocar piano*) e o processo propriamente dito (*fazer investigação – investigar; tomar uma bebida - beber*).

Sun (2015: 87), reportando-se aos manuais de português e nos exercícios de escrita pelos aprendestes regista um número substancial de ocorrências, de entre as quais a mais frequente é do tipo: **fazer+nome=verbo** (cf. *fazer compras, fazer natação, fazer comparação, fazer viagens, fazer uma reunião*).

(b) Neste segundo tipo, os processos relacionais da frase congruente são substituídos por um processo relacional possessivo (cf. *Ela tem uma pele lisa; Ele tem uma história exemplar*). *As frases congruentes seriam A sua pele é lisa; A sua história é exemplar.*

(c) O terceiro tipo prende-se com a realização de um complexo oracional, envolvendo as expressões como: *Ela tem um irmão talentoso*; na frase congruente, *Ela tem um irmão que tem talento*.

Deverwianka identifica outras duas tipos diferentes.

(a) ser/ir + elemento circunstancial

As locuções com uma estrutura “ser/ir + elemento circunstancial” são realizadas por meio de expressões metafóricas, usando apenas um verbo, como se pode ver na figura abaixo:

congruente	metafórico
ser sobre	concentrar-se
ser em vez de	substituir
ser como	parecer
ir com	acompanhar

Figura 13. Ser/ir + elemento
circunstancial (Derewianka,
2003: 195)

(b) termo técnico

A segunda observação diz respeito aos termos técnicos que deixam de representar uma metáfora gramatical, porque já aceites pelo círculo académico, em resultado de uma necessidade de nomeação de forma destilada e condensada: “In the process, any stratal tension inherent in the original metaphor disappears and the metapor is no longer ‘in play’. Technical terms, therefore, are generally not analysed.” Derewianka (2003: 195).

Capítulo 2.

A Metáfora Gramatical na Língua Chinesa

Neste capítulo, faremos o percurso da metáfora gramatical na língua chinesa; percurso este que é justificado pela grande distância, no que diz respeito ao uso da MG, entre o chinês antigo e o moderno. Começaremos, pois, por apresentar as melhores abordagens feitas ao chinês antigo, para se entender o modo como a reflexão antiga sobre a língua já refletia, de algum modo, uma consciência da existência do conceito.

Em segundo lugar abordaremos a aplicação e o uso da MG no chinês moderno, separando para o efeito, a produção literária da acadêmica, já que são substancialmente diferentes.

1. Referências à metáfora Gramatical em escritos tradicionais chineses

Na sociedade moderna, em chinês, a palavra “隱喻” (yǐnyù) corresponde *grosso modo* ao conceito de metáfora gramática. O primeiro carácter 隱 (yǐn) carrega o sentido de “obscuro” e 喻 (yù), o de metáfora. Tal como Sun (2015) afirma, apesar de não ser abundante a informação sobre metáfora na história da língua chinesa, o assunto não deixou de ser abordado e explorado nesta tradição.

Na verdade, a investigação de Sun (2015: 22) refere informação sobre a metáfora nas obras tradicionais na China, como a poesia clássica, a estética e a filosofia, o que implica que os estudiosos antigos na China já teriam a compreensão profunda de MG.

No que diz respeito à palavra “metáfora”, não existindo uma palavra específica na língua chinesa antiga, foi necessário encontrar dois conceitos de metáfora na China: 喻 (yù) e 譬 (pì):

Abaixo transcrevemos uma citação da obra 《说文》 *Shuo Wen*, um dicionário na dinastia de Han (d.C. 25 – d.C. 220). Embora não seja primeiro dicionário sobre os caracteres chineses, é o que, antes de todos, não só analisa a estrutura dos caracteres e refere a lógica estrutural, como também utiliza o princípio de organização através de secções com componentes compartilhados.

1. “谕，告也。……晓之曰谕，其人因言而晓亦曰谕”。

《说文》 *Shuo Wen*

A tradução mais próxima do enunciado (chinês antigo) será:

a) “Yu”, *serve para informar e fazer saber*¹.

b) “Yu” também serve para designar “sabe a informação através dos outros”

A segunda frase sobre o carácter 譬 (pì) está incluída numa obra antiga chinesa, 《墨子》 (Mozi), do período dos estados combatentes, contendo a filosofia do Moísmo. O seu significado é *dar [bons] exemplos leva o conhecimento às pessoas*.

2 “譬也者，举也物以明之也”。

Dar bons exemplos leva o conhecimento às pessoas

O exemplo é o melhor ensinamento

¹ A tradução destes dois enunciados está o mais próximo possível da letra chinesa. Fácil será entender o alcance discursivo de provérbio ou conselho para o povo que este tipo de obras encerrava.

Para além de definição de metáfora, os estudiosos reconheceram e também deram a importância à metáfora, como na obra 《礼记》 (Li Ji em chinês; em português, *Clássico dos Ritos*) que era um cânon do confucionismo e que, portanto, definiu e introduziu as normas da sociedade, o sistema governamental e ritos de cerimônias da Dinastia de Zhou.

3“.....能博喻然后能为师，能为师然后能为长，能为长然后能为君。”

(A capacidade para usar a metáfora, é uma qualidade necessária a tornar-se mestre, depois, ser sênior e, finalmente, um Senhor.)

《礼记》 (Li Ji)

É significativo que em *Clássico do Ritos*, a capacidade para usar a metáfora, é uma qualidade necessária a tornar-se mestre, depois, ser sênior e, finalmente, um Senhor. Estes dados que aqui sintetizamos são muito relevantes para o entendimento melhor da definição, características e valores associados à metáfora na língua chinesa antiga.

2.2. A Metáfora Gramatical na Língua Chinesa Tradicional

Alguns investigadores que se interessaram pelo estudo da MG na língua chinesa tradicional, fizeram-no com a ideia de que esta investigação permite promover a compreensão da língua chinesa atual. Entre os estudos realizados, foram feitas abordagens muito conseguidas da língua chinesa a partir de propostas teóricas de Halliday (1985, 1994, 2004, 2014).

Um assunto que muito interessou os investigadores foi a possibilidade de mudança de significado de um termo sem que a forma tenha alteração; todo o processo de significação assenta, portanto, na relação semântica estabelecida. Ora, em consequência disto, por vezes, o mesmo carácter (palavra) pode ser usado na língua chinesa assumindo diferentes categorias gramaticais; nome > adjetivo ou nome > verbo:

4. “此匹夫之勇，敌一人者也。王请大之！”

Este tem o tipo de coragem em que falta a inteligência e só é capaz de lutar com pouco oponentes. Imperador, alarga-a [a coragem], por favor!

《梁惠王下》 (O Rei Lianghui, parte segunda)

No enunciado, um súbdito do imperador exorta-o a ser mais exigente no que toca à avaliação da coragem necessária. O caracter “大”, originalmente, o adjetivo “largo ou grande” é usado no enunciado com o valor de ação; de processo ou verbo (alargar). Metaforicamente, o processo (material/mental) de alargar provém da qualidade de ser largo. Eis por que, desde logo em chinês antigo, para além do contexto e da estrutura da frase, a mudança de categoria gramatical (uso congruente/incongruente) é muito relevante.

Podemos encontrar múltiplas situações metafóricas em textos antigos, os exemplos seguintes dizem respeito a *Mengzi. Jinxinshang* e a *Terra de Flor Pessegueiro*. Consideremos alguns exemplos de metáforas de transitividade (ideacionais). Como se sabe, na teoria da Transitividade (Halliday, 1985), são considerados 6 tipos de processos: material, mental, relacional, comportamental, verbal e existencial. A seleção de processo não congruente tem sempre incidência no significado metafórico como se pode constatar nos exemplos abaixo:

5. “孔子登东山而小鲁。”

Confúcio chegou ao alto da colina e achou que o País Lu era pequeno.

《孟子·尽心上》(Mengzi. Jinxinshang)

6. “渔人甚异之。”

O pescador achou que era muito estranho.

陶渊明 Tao Yuanming

《桃花源记》(A Terra de Flor de Pessegueiro)

Segundo Gao (2006: 49) por um lado, em chinês, normalmente os dois caracteres “小” (pequeno) e “异” (estranho) são vistos como qualidades e suscitando, portanto, um processo relacional para completar o sentido. Aqui, porém, adquirem a categoria de

processo (achar, pensar, julgar), daí a tradução “achou que ... era pequeno ou estranho”. Acresce notar que o processo, agora, é mental e não relacional (afeição, cognição, percepção), porventura por razões co-textuais. Trata-se, portanto de um fenómeno de verbalização.

Um outro apontamento necessário diz respeito à nominalização. Gao (2006) concentrou-se, especialmente, no adjetivo. Quanto à nominalização, a qualidade pode tornar-se coisa, nome portanto, que mantém no enunciado metafórico a qualidade adjetival, congruente e pode desempenhar o papel de sujeito ou objeto da frase. Alguns exemplos de Gao;

7. “将军身披坚执锐，伐无道，诛暴秦……”

O General usa armadura e traz arma perigosa para a batalha com Império Qin.

o

《陈涉 世家》(Chenshe Shijia)

8. “与苍梧太守有旧”

Há uma amizade longa com o funcionário governamental local de Cangwu.

《赤壁之战》(Batalha dos Penhascos Vermelhos)

Nos enunciados, “锐”(aguçado) e “旧”(velho) são os adjetivos, estando aptos, portanto, para, por meio de um processo relacional (cf., em chinês “是”(ser), atribuir qualidade ou atributo ao portador. No entanto, nos enunciados acima, na verdade, os adjetivos adquirem a qualidade de nome (arma perigosa/amizade). Os processos necessários à construção do significado, agora já não são relacionais: “披”(usar), processo material e “有”(haver, existir), processo existencial. Interessante, também, é registar o modo como semanticamente se dá a metaforização aguçado > arma perigosa; velho > amizade: o perigo que representam os objetos aguçados acompanha a nominalização; o tempo (necessário à prova da verdadeira amizade) sustenta a forma incongruente.

Este tipo de fenómeno, antes da teorização de Halliday quanto à MG, era designado por “词类活用”(cílèi húoyòng: utilizar as palavras flexivelmente). A flexibilidade, terá sido, portanto, a característica mais evidente e que mais interessou aos especialistas chineses.

Na verdade, as propostas de Halliday quanto a estas configurações linguísticas e respetiva explicação permitem-nos compreender o fenómeno de uma perspectiva nova e mais produtiva.

2.3. A Metáfora Gramatical em chinês literário moderno

Como se sabe, do chinês tradicional ao chinês moderno, registaram-se grandes alterações no modo de produzir o significado, pelo que os autores se interessam, ora mais pela explicação da nominalização (será o caso de Halliday), ora pela compreensão de outros fenómenos. Guo & Liu (2014) interessa-se, sobretudo pelos fenómenos da verbalização e da adjetivação em chinês moderno. O autor propõe os seguintes exemplos para reflexão:

9. “蚊子也是知识蚊子，让他们来了叮叮我们，让我们也好知识知识。”

O mosquito também é erudito, depois de uma picada, deixa-nos aceder ao conhecimento.

贾平凹 Jia Pingao 《废都》 (Capital abandonado)

10. “大约那弹性的胖绅士早在我的空处胖开了他的右半边身子。”

Talvez o corpo daquele senhor gordo e elástico possa preencher o espaço ao meu lado.

鲁迅 Lu Xun 《社戏》 <She Xi>

Em 9, na oração “也好让我们知识知识”, a interpretação de “知识” (conhecimento), nome na forma congruente, adquire o valor de ação (verbo) (estudar – na nossa tradução; aceder ao conhecimento). Na verdade, surgindo repetido, o nome (conhecimento) só por uma vez adquire o valor metafórico de ação. Trata-se, portanto, de uma verbalização.

No enunciado 10, o adjetivo “胖” (gordo) está codificado como o verbo (encherpreencher na nossa tradução), tratando-se igualmente de uma verbalização. Segundo (Guo & Liu (2014), no enunciado regista-se a combinação de duas orações num complexo

oracional: “那胖绅士十分胖，在我的空处挤进他的右半边身子” (Aquele senhor está muito gordo. O corpo direito dele enche o meu lado.) (Guo & Liu 2014: 41). A mudança de categoria (congruente-metafórica) é determinante para a combinação semântica entre as duas frases e, conseqüentemente, para atingir o efeito desejado no texto literário em que o enunciado se insere.

Além disso, o estudo de Guo & Liu (2014) permitiu também perceber o modo como a adjetivação se produz a partir da estrutura “adverbo de grau + nome” e de alguns verbos. Por exemplo:

11. 这个连长太军阀了！年纪不大，脾气倒不小。(O líder de companhia (militar) é grosseiro! Embora seja muito jovem, tem mau temperamento.)

曲波 Qu Bo 《山海呼啸》 <Shanghai Huxiao>

12. 我真成了个异乡人，光了两眼，尽在这日暮的长街上行行前进。
(Na verdade, torno-me num estrangeiro, ao caminhar hesitante na rua longa)

郁达夫 Yu Dafu 《还乡记》 <Voltar para Terra Natal>

Sabemos que o adverbio não se caracteriza por ser modificador do nome; porém, em 11, muito surge associado ao nome (caudilho), modificando-o de forma incongruente de modo a que ele adquira a categoria de adjetivo (grosseiro). Assim, muito caudilho = grosseiro. Na literatura ou na oralidade, de acordo com Gao & Liu (2014: 41) ocorre com alguma frequência este tipo de estrutura “adverbo de grau + nome” que se metaforizam gramaticalmente em adjetivo.

No enunciado¹², o autor de <Voltar para Terra Natal>, afirma que, ao voltar à terra natal se sente como um estrangeiro, depois de uma longa ausência. Para exprimir a sua hesitação repete o verbo “andar” (行) que adquire, por esse processo, o valor de adjetivo (hesitante). Curiosamente, a construção do novo sentido é mais complexa e quase visual: a repetição sugere, na língua chinesa, o “andar e parar, andar e parar”, portanto a ideia de hesitação, mas também, por extensão do contexto, o desejo de voltar para casa.

O trabalho de Gao & Liu destaca, como se pode verificar, a nominalização, mas

também a verbalização e a adjetivação e facilita a compreensão mais profundamente da MG.

2.4. A Metáfora Gramatical em chinês acadêmico moderno

Não é de estranhar que a maioria da investigação sobre a MG está centrada na língua inglesa ou, quando pretende focar-se em outra língua, como a chinesa, muitas vezes o faz de forma comparativa, se não contrastiva. Com efeito, com o desenvolvimento da teorização sobre a MG, foram exploradas várias áreas da produção escrita (cf. tradução, literatura, entre outras) onde o estudo da MG é pertinente. Foi importante o cunho de Halliday no que à língua chinesa diz respeito, confirmando a existência da MG nesta língua, em particular na escrita acadêmica:

“We have not undertaken a systematic survey of types of grammatical metaphor in Chinese, but from a study of scientific writing in various fields we have the impression that the range of types of metaphor is not very different.”

Halliday (1999: 313)

No que diz respeito à realização e classificação da MG, a ordem dos componentes gramaticais, tendo em vista a especificidade das gramáticas do inglês e do chinês, sugere que há alguma diferença entre duas línguas. Destaco, neste particular, o trabalho de Yang (2007) que se dedica a uma interpretação tipológica, justamente, das diferenças entre o chinês e o inglês, no que à MG diz respeito. Nesse artigo, o autor compara detalhadamente as diferenças entre as formas congruente e metafórica das línguas inglesa e chinesa, concentrando-se na escrita acadêmica.

Yang tende a analisar a distância entre expressões congruente e metafórica em torno das categorias Elemento, Figura e Sequência. Em primeiro lugar, o autor faz notar a falta de variação morfológica na língua chinesa e as consequências desta característica na determinação da categoria das palavras. Os caracteres chineses, com várias funções, partilham as mesmas formas. Por exemplo, no que à nominalização diz respeito, o autor

destaca o facto de haver duas formas de realização metafórica do nome para elementos não nominais: “The non-nominal elements in Chinese are metaphorically realized as noun in two ways.” Yang (2007: 463).

No mesmo artigo, para a língua chinesa académica, são registadas as seguintes realizações metafóricas:

13. Transformação metafórica de adjetivo e verbo em nome, sem provocar qualquer alteração na forma:

gōngpíng (justo) --- gōngpíng (justiça) (adjetivo—nome)

kǎolù (considerar)--- kǎolù (consideração) (verbo—nome)

Transformação metafórica de adjetivo e verbo em nome com alteração na forma:

14.

kěnéng (possível) – kěnéng xìng (possibilidade) (adjetivo—nome)

chénggōng (suceder) – chénggōng lǜ (possibilidade de sucesso)

(verbo—nome)

Como é possível observar nos exemplos acima, é adicionado um carácter baseado na palavra original: xìng (propriedade) e lǜ (taxa). É óbvio que as características da transformação nos elementos também têm consequências na realização metafórica da figura, tal como Yang aponta:

“When a figure is metaphorically reconstrued from a clause to a nominal group, its elements are most frequently transferred in two directions. The element of Process is transferred as the Thing in a nominal group, while the other elements serve as the Modifiers or Qualifiers of the Thing.”

Yang (2007: 464)

Outros exemplos, agora de enunciados completos, de um manual de Física:

15. Diànzǐ	zài	cíchǎng	zhōng	yùndòng.
Eléctron	em campo magnético		dentro	mover
Participante		Circunstância		Processo

Tradução: O Electron move-se no campo magnético

15'

Diànzǐ	zài	cíchǎng	zhōng	de	yùndòng.
Eléctron	em campo magnético	dentro	sub		movimento
Modificador 1		Modificador 2			Coisa

Tradução: O movimento do Electron no campo magnético.

Na verdade, como se pode observar, a única diferença entre o enunciado metafórico e congruente, em chinês, reside na presença, no enunciado metafórico, do modificador do nome “de”. Esta semelhança parece resultar de ordem de componentes gramaticais na língua chinesa. Ou seja, a circunstância precede ao processo e os modificadores sempre precedem a coisa. O efeito desta MG consiste na transformação de uma oração em grupo nominal.

Halliday propõe uma explicação para este tipo de realização, registrando que quer as Figuras, quer as Circunstâncias podem, metaforicamente realizarem-se como qualidades de uma coisa, representadas como sintagmas e orações num grupo nominal:

“In Chinese, too, both circumstances and figures can become qualities of a thing, represented as phrases and clauses in the nominal group; but these always come before the Head, along with the ‘ordinary’ qualities that are construed as single words.”

Halliday (1999: 313)

Como consequência da tipologia da língua, em chinês, pode-se concluir que a distância entre formas congruente e metafórica é menor. Os exemplos seguintes são bem prova disso:

16. *Wēndù shēnggāo, tǐjī péngzhàng.*

A temperatura aumentar o volume expandir

Tradução: Porque a temperatura aumenta, o volume expande-se.

16'. *Wēndù shēnggāo dǎozhì tǐjī péngzhàng.*

A temperatura aumentar causar o volume expandir

Tradução: O aumento da temperatura causa a expansão de volume.

É obvio que as diferenças entre as realizações metafórica e congruente nas frases chinesa e a portuguesa não são as mesmas. A razão entre as duas realizações é substancialmente menor em chinês do que em português. No caso vertente, a inclusão do verbo *dǎozhì* (*causar*) é o único elemento distintivo.

Considerando os 13 subtipos da Metáfora Ideacional (Halliday, 1999: 246), Yang, tendo em conta as características específicas da língua chinesa, propõe algumas alterações à teorização e modifica algumas subcategorias. Por exemplo, a metaforização de processo > coisa, em chinês, não inclui uma subcategoria, a dos verbos que auxiliam a formação do significado: tentar > tentativa, desejar > desejo) que outras línguas, como o inglês ou o português têm. Foram sistematicamente observadas realizações em chinês, no infinitivo, cujo significado não inclui o sentido de conclusão: mas em português, o recurso a este tipo de verbos permite exprimir o significado de que a ação está incompleta (cf. tentar fazer qualquer coisa).

Também, nas alterações contextuais de circunstância para qualidade se registam diferenças entre o português e o chinês, porque, a língua chinesa, inclui uma categoria de palavra designada por “faceta²” (方位词 fāngwèi cí) que indica direção ou posição. Podemos verificar nas alterações contextuais: processo menor + participante + faceta > epíteto/classificador (não incluído em português):

² Faceta: Ou em inglês, “facet”, o nome português de palavras chinesas que indicam direção ou posição.

17. Wùtǐ zài zhēnkōng zhōng yùndòng.
 O objeto em vácuo dentro mover
 Coisa Prep. Coisa “faceta” Processo

Tadução: O objeto move-se no vácuo.

- 17'. Wùtǐ zài zhēnkōng zhōng de yùndòng.
 O objeto em vácuo dentro Sub. movimento
 Expansão da Coisa Coisa

Tradução: o movimento do objeto no vácuo

A circunstância - zài zhēnkōng zhōng (tradução: no vácuo), sendo que “Zhōng” significa dentro (o objeto está dentro no vácuo), tendo como função a de modificar e especificar o objeto. O que parece estar por detrás deste tipo de realizações é o diminuto significado atribuído a algumas preposições em chinês, tal como aponta Yang:

“In other words, it is the less specific meaning of certain prepositions that gives rise to the particular circumstance with the structure of ‘preposition + noun + facet in Chinese.’”

Yang (2007: 458)

Como se pode imaginar, quer no texto literário, quer no texto académico, as metáforas gramaticais são determinantes para ajudar aos alunos na sua escrita e leitura. O seu domínio, em situação de tradução daqueles dois tipos de escrita, é essencial.

2.5 Proximidade funcional: semelhanças de uso da MG em português e chinês

Nesta secção procuraremos, de uma forma contrastiva, apreciar o modo como determinadas ocorrências da MG se realizam nas línguas chinesa e portuguesa. Procuraremos, com este contraste, demonstrar usos metafóricos que representam escolhas idênticas para os falantes portugueses e chineses. Ao contrário do que fazemos antes neste capítulo, onde serão abordadas, também contrastivamente, as dissemelhanças de uso entre

as duas línguas, aqui procuraremos ter uma perspectiva de convergência. Os exemplos usados dizem respeito à imprensa escrita na *Internet*.

Em primeiro lugar abordaremos transformações metafóricas típicas nas duas línguas que podem ser designadas por processo > coisa / coisa > expansão de coisa, metaforizações estas que, invariavelmente, surgem combinadas:

(1) processo > coisa

coisa > expansão de coisa

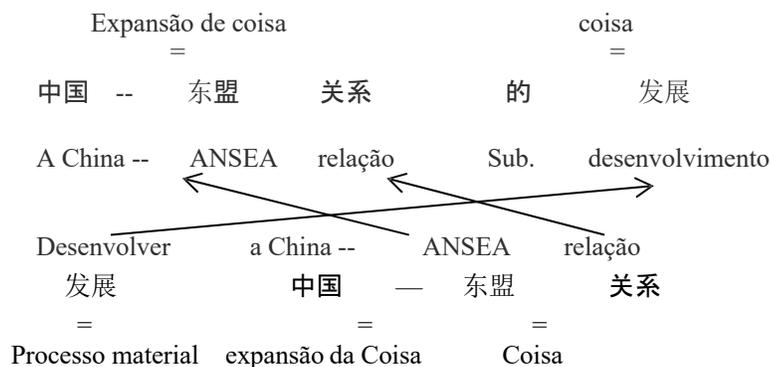
Exemplo

18. 中国—东盟关系的发展为双方方 20 亿人人带来实实在在的利利益，促进了地区乃至至世界的和平稳定与繁荣。

O desenvolvimento de relação entre a China e Associação das Nações do Sudeste Asiático (ANSEA) traz benefícios para 2 mil milhões de pessoas de ambos lados, o que promove estabilização e prosperidade das áreas e do mundo.)

(http://www.xinhuanet.com/politics/leaders/2018-10/08/c_1123530593.htm)

No exemplo acima (negrito e tradução nossa), o texto a negrito corresponde ao SN onde ocorre a combinação das MGs. Abaixo representa-se esquematicamente o modo como se produzem as modificações estruturais entre a forma congruente e a forma metafórica.



Se tivermos em conta que a posição relativa do adjetivo nas duas línguas é oposta, notaremos que esta é a única diferença entre o grupo nominal português e chinês. Esta ocorrência comum nas duas línguas não pode deixar de ser considerada como favorável aos aprendentes pelo que consideramos que o aprendente chinês de PLE não terá dificuldade de, pelos seus próprios meios, interiorizar o uso da MG, tão útil no português académico.

Outro tipo de transformações metafóricas muito comuns, pode ser designado por “processo > coisa / circunstância > expansão de coisa”

(2) processo > coisa

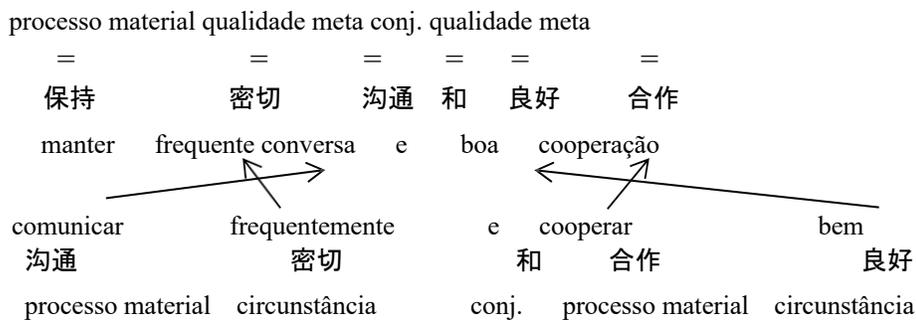
circunstância > expansão de coisa

19. 李李克强表示，当前世界政治经济形势复杂多变，中国和欧盟作为维护世界和平与发展的两支重要力量，保持密切沟通和良好合作，向世界发出的是积极的信号。

Li Keqiang afirma que, estamos numa situação política e económica complexa e instável no mundo. A China e a União Europeia, como dois poderes importantes que defendem a paz e asseguram o desenvolvimento do mundo, **mantêm um diálogo frequente e uma boa cooperação**. Enviamos sinais positivos ao mundo.)

(http://www.xinhuanet.com/politics/2016-07/12/c_1119208171.htm)

O esquema interpretativo será o seguinte:



Como se pode observar, as metaforizações de processo > coisa e de circunstância >

expansão da coisa ocorrem praticamente de forma paralela nas duas línguas. Mais uma vez, é de supor que tais transformações não sejam causa de grandes perplexidades para o aprendiz chinês de PLE.

Uma situação que é recorrente entre línguas diferentes é a (possível) expressão numa das línguas e não na outra de uma ação (processo) através da transformação em nome suportado por processo de outra natureza que funciona como escopo (cf: anotar > tomar notas; promover > fazer a promoção de, etc.). Tomemos como exemplo a metaforização processo (material) > escopo (proc.) + coisa que ocorre em ambas as línguas de forma muito idêntica:

(3) processo (material) > escopo (proc.) + coisa

(1) 做	决定	(2) 洗澡
Tomar (uma) decisão		tomar banho
=		=
Decidir		banhar-se
决定		澡

Em (1), o verbo congruente “决定” (decidir) foi codificado enquanto nome “decisão”, apoiado no escopo “做” (fazer). Em (2), o verbo “澡” (banhar), que representa uma versão congruente, foi transposto para “洗澡” (tomar banho).

Como adiante se verá, este é o terceiro tipo de MG preferida pelos estudantes chineses, ao significa que estão muito à vontade com este tipo de ocorrências. Na verdade, elas existem e são muito comuns na língua chinesa: porém, as possibilidades não são paralelas em ambas as línguas, havendo situações que não têm correspondência; fazer compras e tomar notas, por exemplo, não têm realização na língua chinesa.

A última situação tipificada tem a ver com a nominalização o adjetivo e as respectivas

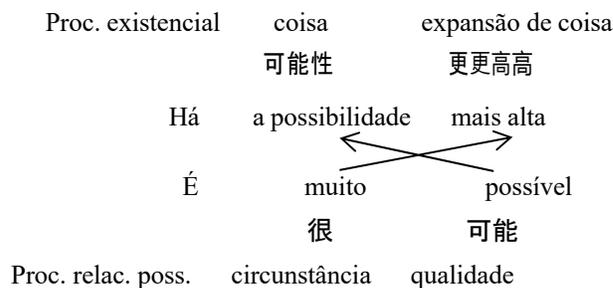
alterações contextuais. No caso exemplificado, possível > possibilidade. Em ambas as línguas é comum uma interação como a seguinte:

- Achas que é possível que ele venha?
- Há essa possibilidade...

Achamos conveniente, dada a alta ocorrência e o paralelismo quase perfeito em ambas as línguas, considerarmos a combinação Proc.relacional + atributo > proc.existencial + nome:

Proc.relacional + atributo > proc. existencial + nome

20. 美国和英国的一项联合研究显示, 青少年时期睡不够的孩子, 成人后参与犯罪的**可能性更高**。Uma investigação conjunta entre os Estados Unidos e a Inglaterra, mostra que as crianças, por não dormirem suficientemente na adolescência, **há uma mais alta possibilidade de** cometerem crime quando adultas.)
http://www.xinhuanet.com/world/2017-02/28/c_129497449.htm



Note-se que, em ambas as línguas, com a alteração do sujeito (crianças) existe a possibilidade de a frase metafórica ser realizada através de um processo relacional possessivo (as crianças têm a mais alta possibilidade de).

Capítulo 3.

Análise dos dados presentes em COPLE2

Neste capítulo iremos proceder à apresentação e análise dos dados revelados pela escrita dos aprendentes dos níveis B1 e B2. Antes, porém, dedicaremos algumas linhas à consideração de questões metodológicas que consideramos pertinentes para a compreensão dos dados.

3.1. Data e Amostra

Incluindo classificação e critério de seleção, de acordo com este critério, interessava analisar os textos de estudantes no

Como se sabe, o “COPLE2 é um conjunto de textos escritos e orais produzidos por estudantes de Português como segunda língua/língua estrangeira no Instituto de Cultura e Língua Portuguesa (ICLP—FLUL) e por candidatos para exames no Centro de Avaliação de Português Língua Estrangeira (CAPLE—FLUL).” Os aprendentes com 15 línguas nativas, frequentaram os níveis de A1 a C2, tendo produzido textos de vários tipos em resposta a

tarefas de vária natureza.

Tendo em conta o meu objetivo e perguntas da investigação concentrei-me na produção dos estudantes chineses e europeus (inglês, francês, alemão, espanhol e italiano) no nível B (incluindo B1 e B2), procurando que o número de textos dos dois grupos fosse aproximadamente igual, tendo chegado à composição descrita no quadro seguinte.

texto/ nacionalidade	Chinês	Inglês	Francês	alemão	espanhol	italiano
opinião	78	28	12	14	19	7
carta	22	6	5	3	6	1
reconto	5	1			3	
informação	18	12		5	5	3
total	123	47	17	22	33	11

Quadro 3. Números de textos de estudantes chineses e europeus.

Quanto ao tipo de textos, uso a classificação proposta pelo próprio “COPLE2” para se perceber a variedade discursiva em causa. As tarefas estão organizadas em torno de quatro grandes categorias discursivas, que algumas escolas designam por género:

Opinião

	Título	Nível
1	A solidão, o estresse e a depressão são as doenças das sociedades modernas que causarão mais prejuízos, humanos e económicos, no século XXI.	B2
2	Planeamento para turismo em Lisboa	B2
3	Nesta experiência que foi viver em Portugal e fazer um curso de Língua Portuguesa, desenvolva um texto sobre aspectos positivos e/ou negativos que considera pertinentes.	B1
4	Comente a seguinte opinião de Helena Silva, uma enfermeira reformada que dedicou toda a sua vida ao “ofício de ajudar”. Todos temos a responsabilidade e a obrigação de olharmos uns pelos outros. Então por que não o fazemos? Possivelmente porque ainda não percebemos que pertencemos ao mesmo mundo.	B2
5	Quanto mais meios temos para comunicar, menos temos a dizer uns aos outros. Nem chegamos a ter tempo para estabelecer a relação, que é o que suporta a comunicação.	B2
6	Quando vivemos num país estrangeiro devemos conhecer e respeitar a cultura do povo que nos acolheu.	B1
7	Olhe atentamente para a figura ao lado. Pensa que o slogan e a imagem escolhida promovem a contribuição dos portugueses nesta companhia? Justifique.	B2
8	Comente a seguinte afirmação: “A existência de instituições como o Banco Alimentar contra a Fome deixa-nos esperançosos...” Acreditamos que atos de solidariedade como este possibilitarão o surgimento de Novo Mundo!”	B2

9	Os animais são o melhor amigo do ser humana.	B2
10	A ação dos Governos nacionais no combate contra a SIDA	B2
11	[Saramago não tem a certeza se dentro de 50 anos Portugal ainda existe:] Os portugueses continuarão a existir enquanto comunidade de gente que fala esta língua, mas o Estado português pode desaparecer. (José Saramago)	B2
12	“O que é certo é que o indivíduo que se liberta de uma qualquer dependência, como a do tabaco, se sente mais leve, mais saudável, mais senhor de si, mais feliz. A auto-estima e a sua autoconfiança crescem. Sente-se mais igual a si mesmo” (Luís Portela)	B2
13	Exprima a sua opinião: Portugal e os portugueses	B1
14	“Os governantes responsáveis pela fome do povo deviam ser presos por crime contra a humanidade porque manter à fome os que de nós dependem, sem que nós tenhamos fome, é um crime”	B2
15	Redija um texto sobre as vantagens e desvantagens de viver e trabalhar durante muito tempo noutro país. Escreva a sua opinião sobre este tema, tendo em consideração os pontos abaixo mencionados e acrescentando outros que lhe pareçam importantes: enriquecimento cultural, dificuldades de integração, perda de identidade, isolamento, bem-estar económico, descoberta de novos valores, distância de família e amigos	B2
16	“Saber aproveitar os melhores recursos naturais de um lugar deveria ser a primeira tarefa de qualquer sociedade”.	B2
17	Concorda com as opiniões destes estudantes? Esta é sua primeira experiência a estudar fora do seu país? O que pensa sobre Portugal e os portugueses?	B1
18	Onde passar férias em Portugal.	B1
19	As minhas férias favoritas.	B1
20	“Escrever bem a sua língua é uma forma de patriotismo.” (Lucie Delarme-Mardrus)	B1
21	Os diversos tipos de turismo: aspetos positivos e negativos.	B1
22	Se tivesse de escolher uma ocupação para além da sua profissão, qual seria? Porquê? Como conciliaria ambas?	B1
23	Se fosse um modelo na campanha publicitária, onde quereria ser fotografado e qual roupa quereria selecionada?	B1
24	Exponha a sua opinião sobre a escola ideal.	B2

Carta

	Título	Nível
1	Durante a sua estada, apercebeu-se de que alguns destes serviços não correspondiam ao anunciado. Explique o sucedido numa carta de reclamação à sua agência de viagens e proponha uma solução.	B1
2	Carta de candidatura a emprego	B1

3	A viagem excedeu as suas expectativas. Todos os serviços foram impecavelmente prestados. Dirija uma carta de felicitações à sua agência de viagens, congratulando-os pela qualidade dos serviços e dando-lhes sugestões com vista a incluir outras atividades que ache interessantes.	B1
---	---	----

4	Comprou um telemóvel com uma avaria técnica. Redija uma carta de reclamação ao estabelecimento onde adquiriu o aparelho.	B1
---	--	----

Reconto

	Título	Nível
1	Decidiu fazer uma reunião de amigos e, porque sabe que todos gostariam de se encontrar num local tranquilo, ao ar livre, escreva sobre a concretização desse seu plano.	B1

Informativo

	Título	Nível
1	Escolha uma região de Portugal e conte, em 10 linhas, uma lenda associada a essa região.	B2
2	A situação do mercado do trabalho no país de aprendiz.	B1
3	D. Pedro e D. Inês de Castro	B2
4	Comparação entre os costumes dos Portugueses e os do meu país	B1

Quadro 4. Temas dos diferentes tipos de textos.

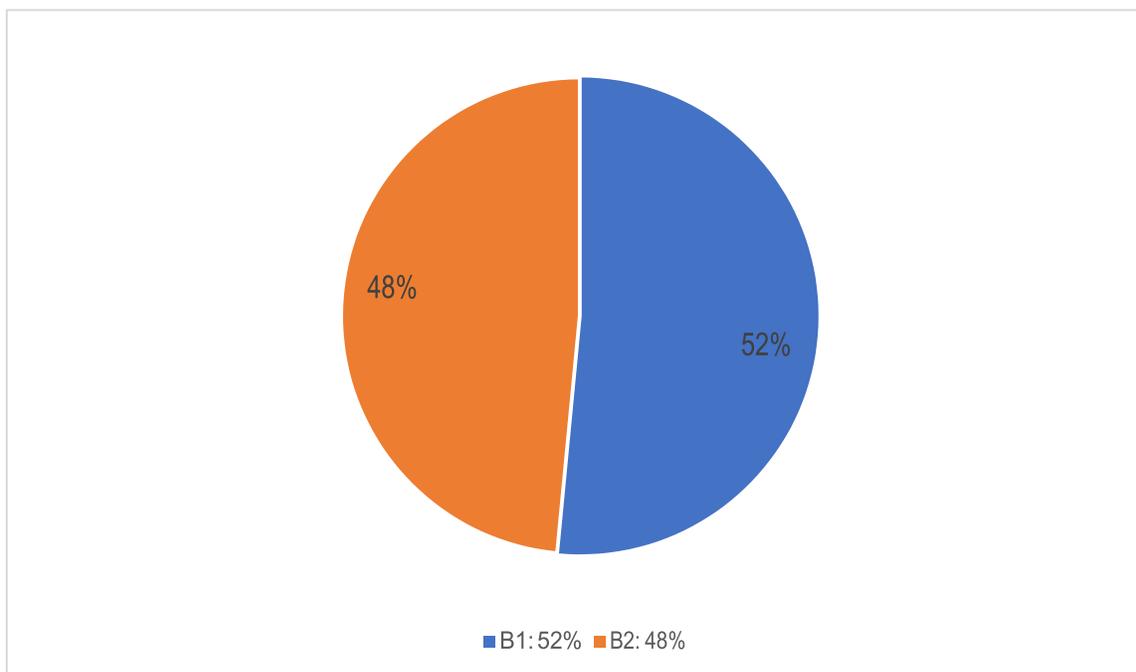


Figura 14: Percentagens dos textos nos níveis B1 e B2

3.2. Princípios de seleção

Tendo em vista a natureza da investigação, torna-se aconselhável a exclusão de algumas situações metafóricas. Sun (2015), procurando a mesma adequação de procedimentos excluiu cinco tipos de metáfora, incluindo o fenómeno de personalização que consiste em atribuir um traço [+ humano] a sujeitos que não têm essa capacidade, realizado por processos como querer, ajudar, organizar, falsificar, aparecer, etc. Este tipo de enunciados não causa qualquer dificuldade para aprendizagem dos alunos, razão pela qual não foram incluídos. Do mesmo modo, não foram consideradas MGs realizadas com recurso aos verbos relacional e possessivo (“ter” e “haver”, respetivamente), a locuções conjuntivas (de modo que, de modo a, de forma a) e a verbos que regem preposição. As expressões idiomáticas também foram excluídas. Alguns exemplos de casos excluídos:

- a. Eu não penso que funciona assim: os meios de comunicação **falsificam** as relações humanas. (fr017CVATF)
- b. Apesar de o governo já ter construído muitos projetos **de modo a** que passasse a utilizá-lo, ainda não conseguimos aproveitá-lo à sua vontade, devido à falta da tecnologia relevante. (zh119CAATF)
- c. Assim, **fico à sua disposição** sobre qualquer dúvida que tenha e, sobretudo, acerca de uma possível entrevista. (zh077CVMTD)

3.3. Procedimentos analíticos

De acordo com os critérios anteriormente apresentados, a análise seguiu detalhadamente os trâmites classificatórios inerentes. Os procedimentos analíticos ficam mais claros com a demonstração abaixo feita para o texto zh021CVATD (China) 219 - “*Quantos mais meios temos para comunicar, menos temos a dizer uns aos outros*”. (opinião, B2)

Nasceram muitos meios novos de comunicação, em virtude do desenvolvimento tecnológico da sociedade cada vez mais moderna. É indiscutível que as tecnologias avançadas facilitam a nossa vida, mas elas estão a alterar as nossas maneiras de comunicar, ou ainda, estragar a nossa relação. Isto é a situação presente da sociedade.

Apesar de haver mais meios para comunicar, temos menos vocação de estabelecer bem a relação. Antigamente, as pessoas comunicavam por carta. Hoje em dia, comunicamos na pela Internet, por telemóveis e por SMS, entre outros. Antigamente, o meio de comunicar, a carta, era difícil, mas mantinha bem a relação entre pessoas. No presente, os meios de comunicação são mais fáceis, mas as pessoas pensam que é menos importante gastar tempo para estabelecer a relação, porque consideram que os meios são rápidos e dão para manterem a relação com outrem. Por isso, as pessoas pensam que não vale a pena gastar tempo para manterem a relação [Fig1]. Isto é o problema. Nós beneficiamos das tecnologias, mas de forma errada.

Nós agora dependemos demais das tecnologias e não reparamos nos efeitos negativos disto. Se nós continuarmos a nossa maneira de comunicação, a nossa relação vai tornar-se pior, ou desaparece. Portanto, temos de corrigir a nossa mentalidade, alterar a nossa maneira de viver e repensar sempre. Senão, quem vai receber o resultado somos nós.

(Frase em negrito representa o uso de metáfora ideacional; frase sublinhada representa metáfora interpessoal)

Quadro 5 Texto zh021CVATD (China) 219 - “*Quanto mais meios temos para comunicar, menos temos a dizer uns aos outros*”. (opinião, B2). A negrito, metáfora ideacional; sublinhado, metáfora interpessoal

Metáfora Ideacional

Alteração estrutural	Enunciado (do aluno)	Forma congruente	Notas
<p>(processo > coisa: desenvolver—desenvolvimento)</p> <p>(relator > circunstância, processo menor: porque—em virtude do)</p> <p>(coisa > expansão de coisa: a tecnologia da sociedade—tecnológico da sociedade)</p>	Nasceram muitos meios novos de comunicação, em virtude do desenvolvimento tecnológico da sociedade cada vez mais moderna.	Nasceram muitos meios novos de comunicação, porque a tecnologia da sociedade se desenvolveu e é cada vez mais moderna.	

Metáfora interpessoal 4

Tipo de Metáfora interpessoal	Enunciado (do aluno)	Congruente	Nota
metáfora de modo	Nasceram muitos meios novos de comunicação.	Muitos meios novos de comunicação nasceram .	
explícit o objetivo	É indiscutível que as tecnologias avançadas facilitam a nossa vida, mas elas estão a alterar as maneiras de comunicar, ou ainda, estragar a nossa relação.	Certamente , as tecnologias avançadas facilitam a nossa vida, mas elas estão a alterar as maneiras de comunicar, ou ainda, estragar a nossa relação.	
explícito objetivo	No presente, os meios de comunicação são mais fáceis, mas as pessoas pensam que é menos importante gastar tempo para estabelecer a relação, porque consideram que os meios são rápidos e dão para manterem a relação	No presente, os meios de comunicação são mais fáceis, mas obviamente , é menos importante gastar tempo para estabelecer a relação, porque consideram que os meios são rápidos e dão para manterem a relação com outrem.	

	com outrem.		
explícito objetivo	Por isso, as pessoas pensam que não vale a pena gastar tempo para manterem a relação.	Por isso, certamente, não vale a pena gastar tempo para manterem a relação.	

De seguida, apresentam-se os resultados procurando seguir, por um lado, a tipologia de Halliday, a que se acrescentam comentários quando necessário, por outro, pondo em evidência o tipo de transcategorização realizado.

3.4 Metáfora de Transitividade no *corpus*

A análise revela, portanto, os tipos de MG que os alunos preferiam utilizar e que farão parte do seu léxico e hábitos de comunicação.

3.4.1 fazer + nome (metaf.) > verbo (congru.)

A investigação de Sun discute algumas formas metafóricas que formalmente serão metáforas domesticadas: porém, da perspetiva do aprendente nestes níveis, o seu uso não corresponderá à interiorização “domesticada” de que fala Halliday. Concordamos com a autora pelo que achamos por bem considerar as seguintes ocorrências:

Em primeiro lugar, a forma “fazer + nome: fazer + n1 (metafórica) = v (relativo a n1) (congruente)”

A. *Depois das aulas eles ain a têm de **fazer** muitos **trabalhos** em casa.*

B. *Podemos **fazer promoções** nos aeroportos, apresentando quais são os festivais tradicionais durante o ano, deixando-lhes uma impressão forte*

C. *Sabemos que todos os trabalhadores têm direito de mais ou menos um mês de fêria anual, por isso, podemos **fazer cooperação** com as agências para lhes darem desconto quando compram pacotes. (fazer cooperação=cooperar)*

Nos três exemplos está patente o discurso típico de um aluno de português como língua não materna com referência às ações *trabalhar, promover, cooperar*.

Nos exemplos em cima, a forma metafórica “fazer +nome” será igual à realizada por um verbo relativo ao mesmo nome quando na sua forma congruente. Com efeito, é deveras expressiva a seleção das ambas expressões, por exemplo, fazer trabalhos e trabalhar na prática. Nesta secção, como na anterior e seguinte, usamos o roteiro proposto em Sun (2015), retomando a categorização de Halliday em 3.4.3.

3.4.2 Com + nome > advérbio/adjetivo

Foi notório outro tipo de estrutura nos textos dos alunos: + **adj / adv (relativo a n) (congruente)**, atente-se alguns exemplos,

A. Os novos meios de comunicar limitam-nos na maneira em que não podemos comunicar com uma pessoa que nos encontramos na rua, naturalmente, com facilidade (forma congruente: facilmente.)

B. Cada dia, da viagem, é bom que não visite apenas um ou dois sítios turísticos para conhecer melhor e com pressa. (forma congruente: apressadamente)

C. Pode ficar com calma quando viver aqui. (forma congruente: calmo)

Quanto à expressão “com + n” nos textos, “com + n” é igual ao modificador relacionado com n, como “facilmente” substituído por “com facilidade”, “calmo” por “com calma” e “não rapidamente” por “sem pressa”.

Estes tipos de metáforas foram referidos em Sun (2015).

3.4.3 Com + n > (expressão causal)

A. Entretanto, temos mais meios para comunicar com a criação das novas tecnologias. (forma congruente: porque as tecnologias novas são criadas.)

As formas congruentes de realizar o sentido poderão ser “são criadas”. Após estas serem metaforizadas, ao verbo é adicionada a preposição “com”, como “são criadas” para “criação” na frase 7. É notório que, no exemplo A, dado que “com” também tem o sentido causal, esta preposição substitui “porque”, acompanhando outros tipos de MG.

B. *Com o esforço dos Governos Nacionais, acredito que a atualidade será melhor e venceremos, no futuro, o combate contra a SIDA.* (forma congru. **porque**)

C. *Hoje em dia, com o movimento de urbanização, cada vez mais pessoas vivem num ambiente artificial e não compreendem o valor da Natureza.* (forma congruente: **por a causa da urbanização**)

Nos exemplos acima, é notório que a escolha do falante por uma expressão metafórica introduzida por “com” levou a que se produzissem outras alterações de sentido metafórico: esforçar (v) > esforço (n), mover (v) > movimento (n).

Ainda podemos identificar outras subcategorias de metaforização, partindo dos exemplos seguintes:

A

Processo > nome; nome > expansão de nome

D. *“Deus fez ou homem e o português o mulato” é uma frase que adoro, mas que não conhecia até à minha chegada a esta terra.*

E. *Com a ajuda dos professores simpáticos como FF e MM, já estou no nível Intermédio.*

Em 10 e 11, ocorrem metáforas muito ao gosto dos alunos chineses já que em ambos os enunciados o processo é substituído metaforicamente por um nome (chegar > chegada; ajudar > ajuda); porém, outras alterações contextuais são produzidas, como abaixo representamos:



Figura 15. Disjunção do significado metafórico e correspondência entre formas metafórica e congruente

Em 10, o pronome, eu “coisa”, congruente, na oração metafórica, realiza-se através de um determinante possessivo “minha”, enquanto expansão do nome. Em 11, ocorre metaforicamente uma oração preposicional, em que o sujeito da oração congruente se realiza enquanto qualificador do nome. A frequência total de tipo (processo > nome) chega a 197 para os alunos chineses.

B

Processo > N (coisa) e circunstância > expansão do N (coisa)

Outro tipo de ocorrência metafórica manifesta-se, como vemos nos exemplos seguintes na alteração metafórica: processo > N (coisa) e circunstância > expansão do N (coisa)

*F. Por isso, **existem**, cada vez mais **graves destruições na Natureza** e o desenvolvimento de atividades humanas fica insustentável.*

*G. Nós últimos anos, especialmente no ano passado, a perda dos rendimentos a ganhar com o turismo atingiu 30% do que no ano de 2000, afectando gravemente o **funcionamento regular do país**.*

Nos enunciados 12 e 13, metaforicamente, os alunos seleccionam os nomes para exprimir os processos (destruir > destruições, funcionar > funcionamento). Como se pode observar, para que o significado metafórico seja adequadamente produzido, realizaram-se outras alterações contextuais, como a seguir podemos observar:

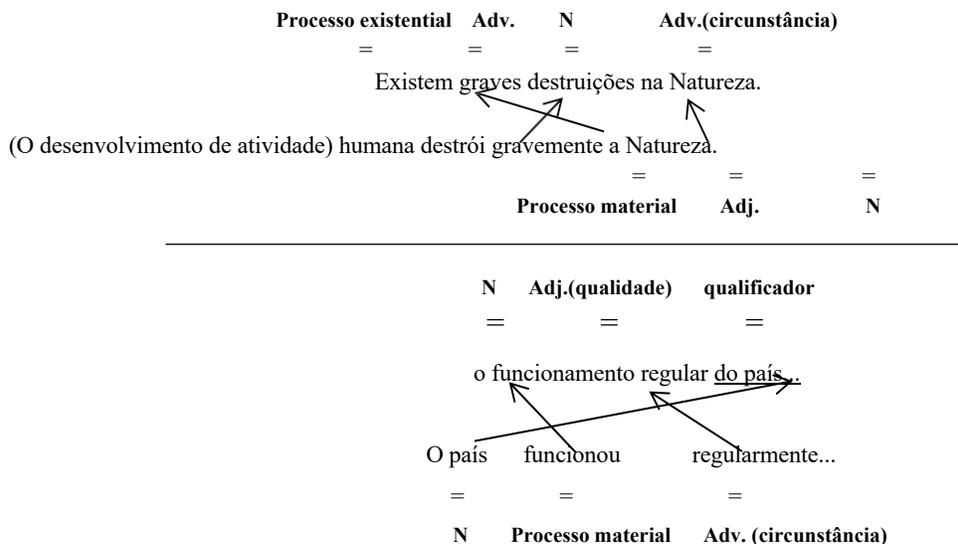


Figura 16. Disjunção do significado metafórico e correspondência entre formas metafórica e congruente

No enunciado 12, a nominalização de verbo “destrói” acarreta três alterações relativas, respetivamente, exige um processo existencial novo (existem); “gravemente”, um advérbio na frase congruente realiza-se pela qualidade, “grave”; o N (Natureza) realiza-se através do grupo preposicional (na Natureza). No exemplo 13, o sujeito da frase congruente (o país) é substituído pelo S. Prep. (do país) e o advérbio (regularmente) é realizado pela qualidade “regular”, enquanto a expansão de coisa.

C

+Processo e qualidade > coisa (cf. capaz > capacidade, possível > possibilidade)

A terceira ocorrência metafórica a registar, como se pode observar nos exemplos abaixo consiste nas seguintes alterações: +processo e qualidade > coisa (cf. capaz > capacidade, possível > possibilidade), demonstra-se em figura a seguir:

H. *No entanto, acho que o seu emprego também precisa de uma pessoa que **tenha capacidade** para desenvolver no futuro.*

I. *Era um curso muito intensivo com a duração de quatro semanas onde **tive a possibilidade** de aprofundar o estudo da língua e conseguir um nível superior.*

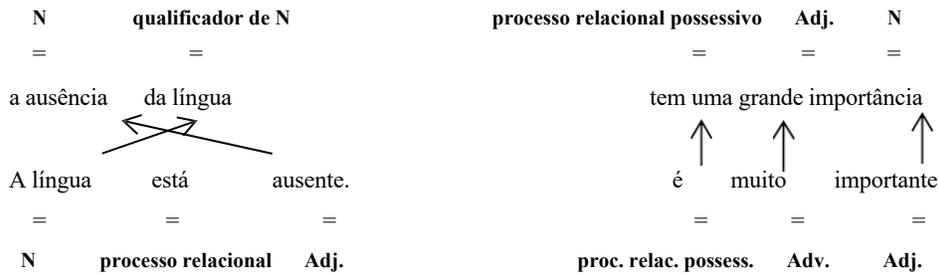


Figura 18. Disjunção do significado metafórico e correspondência entre formas metafórica e congruente

No enunciado 16, a qualidade “ausente” foi metaforizada em coisa “ausência”, a coisa “a língua” metaforiza-se em expansão de coisa “da língua”. Em 16, além da qualidade “importante” codificada em coisa “importância”, o processo relacional intensivo “é” é transposto para um processo relacional possessivo “tem”, estando o conteúdo semântico de “muito” codificado no valor semântico de qualidade “grande”.

E

Processo > relator

Por último, atentemos nos seguintes exemplos:

L. Então, o desenvolvimento dos meios de comunicação permitira fazer muitos amigos rapidamente e encontrar o amor da sua vida.

*M. Os novos meios **facilitam** uma **comunicação rápida**.*

As formas congruentes são seqüências, ou complexos de frases, metaforicamente, realizando-se através de figuras. Poder-se-á atribuir esta ocorrência ao facto de o relator ser substituído por um processo (porque > permitir, facilitar). Ao mesmo tempo, as figuras nas frases congruentes tornam-se em grupos nominais, como podemos ver a seguir:

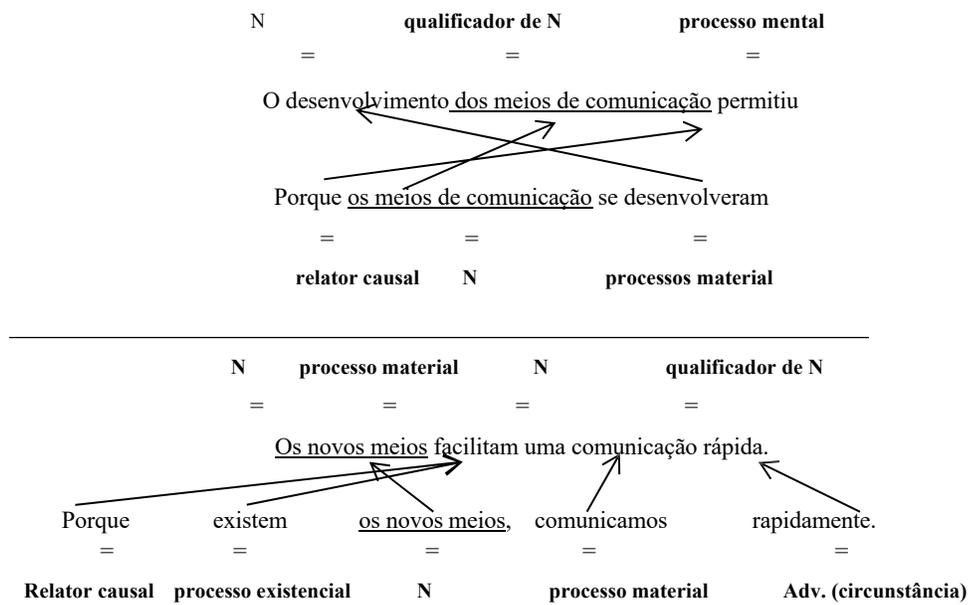


Figura 19. Disjunção do significado metafórico e correspondência entre formas metafórica e congruente

Em 18, o relator causal “porque” foi realizado por um processo “permitira”, estando o processo na frase congruente codificado no nome (desenvolvem > desenvolvimento). O nome, no enunciado congruente, torna-se qualificador do nome (os meios de comunicação > dos meios de comunicação). Em 19, na frase congruente, o processo existencial “existem” é transposto numa realização material “facilitam”, realizando o valor de causa presente na oração congruente. O outro processo, congruentemente, foi codificado enquanto nome na frase metafórica. (comunicamos > comunicação). A circunstância “rapidamente” realiza-se através do qualificador de nome “rápida”.

Foram feitas observações no *corpus*, certamente, o sentido de “causa” também tem várias maneiras de expressão, incluindo substantivos (razão, causa, resultado) e também a preposição (com), que tem uma frequência alta.

Até agora apontamos as subcategorias de metaforização, em que se combinam vários tipos de MG. No entanto, vale a pena observar, ainda alguns exemplos deste tipo de MG quando surgem na frase isoladamente.

Trata-se de ocorrências que envolvem a metaforização de:

qualidade > processo

*N. Aproveitámos a **calma** para descansar e esquecer do stress do trabalho. (forma congruente: **calmo**)*

processo > coisa

Além de combinar com tipo 12 (+processo) ou tipo 13 (coisa/circunstância > expansão de coisa), tipo 2 (processo > coisa) também aparece sempre individualmente nos textos, incluindo verbo infinitivo e com conjugação) por exemplo:

*O. Cada ano Todos os anos, muitos estudantes acabam os seus **estudos** e entram no mercado, no caso de haver mais oportunidades, é evidente que ajuda os jovens e reduz a percentagem de desemprego. (forma congruente **estudar**)*

relator > coisa

*P. Outra **razão** é que reconheço que saber português é bom para estudar Direito, (...) (forma congruente **porque**)*

*Q. Eu tenho que dizer, com tristeza, que se Espanha encontra-se numa conjuntura tão difícil é a **causa** dum cultura política baseada em modelos corrompidos de convivência, nos quais as pessoas tentavam de fazer dinheiro fácil sem trabalhar. (forma congruente: **porque**)*

relator > processo

*23. Estas três doenças têm uma grande influência em nós e também vão **causar** muitos prejuízos humanos e económicos. (forma congruente: **porque**)*

relator > circunstância

*24. **Graça aos** passeios turísticos, descobrimos a ilha e aprofundamos depois sozinhos fazendo caminhadas. (forma congruente: **Porque**)*

*25. **Após** a minha análise, penso que os seus serviços não correspondiam ao*

*anunciado. (congruente: **Depois de**)*

Como se pode verificar pelos exemplos, os aprendentes têm a noção do significado metafórico e da conveniência de o usar; porém, são muito frequentes as dificuldades, sobretudo em realizar as transformações relator > coisa / processo / circunstância. Identificaram-se, junto dos alunos chineses, mais 33% de enunciados construídos através destes recursos contendo erros do que nos restantes alunos.

A frequência alta nos textos produzidos leva-nos a supor que pode representar a capacidade de MG dos aprendentes para a realização de metáforas ideacionais. Em seguida, apresentam-se exemplos de realização metafórica interpessoal dos aprendentes, tendo em conta a quantidade, a variação e a forma.

3.5 Metáfora Interpessoal

3.5.1 Metáfora de Modo

Como já foi anteriormente discutido no capítulo 1, estão em causa quatro funções básicas no discurso, respetivamente, oferta, declaração, ordem e pergunta, consoante esteja em causa informação ou bens e serviços. Congruentemente, as três últimas funções realizam-se através dos modos declarativo, imperativo e interrogativo, respetivamente, enquanto a oferta pode selecionar mais do que um modo.

Em grande medida, dado que um grande número de textos no *corpus* é de opinião, o relato e a explicação, porque ocorrem mais em trocas orais quotidianas, não suscitaram muitas metáforas nos textos consultados, notando-se algumas ocorrências nas cartas por causa do necessário de intercâmbio de informação e da expressão de emoção. Na análise dos textos, foram identificados dois tipos principais na metáfora de modo.

(1) Imperativa > declarativa

Nas cartas, especialmente, quanto à carta de reclamação, foram feitas tentativas de realização de forma mais educada e preferiam escolher frase declarativa em vez de imperativa,

por exemplo,

26. *Espero que me devolvam 20% de dinheiro total.* (forma congruente: *devolvam-me*)

O exemplo sugere que a ordem foi substituída por uma expressão de desejo, potencializada pelo uso do verbo “esperar” que implica o uso de uma declarativa. Outros enunciados dos estudantes do mesmo tipo utilizam “*exijo que*” e “*quero que*”, ou “*solicito que*”, a fim de tornar exigência mais premente, o que se opõe à intenção de delicadeza subjacente ao procedimento em apreço.

27. *Portanto, eu exijo que vocês me devolvam os custos .* (forma congruente: *devolvam-me*)

28. Por isso, **quero que** a vossa agência me devolva 300 euros. (forma congruente *devolvam-me*)

29. *Por isso, eu venho exigir um reembolso pelas despesas.* (forma congruente: Reembolse)

30. Se não for possível trocar o telemóvel, **solicito que** me mandem o dinheiro e eu vou comprar qualquer outro modelo na vossa loja. (forma congruente: mande-me)

31. *Eu não quero que reparem o telemóvel, porque não posso esperar o tempo que uma reparação pode demorar.* (forma congruente: Não repare)

As formas congruentes estariam, portanto, no modo imperativo.

Como se pode constatar, as escolhas dos estudantes revelam uma variação significativa e sugerem um certo à vontade na escolha de estratégias para realizar ordens. Como se pode observar, nem sempre adequadas.

(2) Imperativa > interrogativa

Outro recurso metafórico identificado consiste em transformar a frase imperativa (congruente) numa construção interrogativa, procedimento que tem a função de atenuar a

ordem, como no exemplo seguinte:

32. *Quem deve responder por estes erros?* (forma congruente: Responda)

Em 32, a mesma ordem “*Responda por estes erros!*” é substituída pela pergunta “Quem deve responder por estes erros?”, o que, indireccionando o alvo da ordem, torna-a menos agressiva para o destinatário.

(3) declarativa > interrogativa

Foi identificado o recurso metafórico que consiste em realizar através de uma pergunta algo que é mais congruente com a afirmação, como no exemplo seguinte, de resto, exemplo único no *corpus*:

33. *Aprenda o que aprender, é conveniente que o usamos sempre. Acho que tenho razão, não é?*

Obviamente que o aluno não espera uma resposta a (não é?). No limite, estamos perante a realização da função fática da comunicação ou face a um reforço da posição (opinião) do falante. Esta ocorrência verificou-se numa carta de reclamação pelo que é plausível que assuma um valor retórico do convencimento na argumentação. Enquanto pergunta retórica, em vez de obter aprovação dos leitores, com efeito, confirma que “*é razoável que aprenda o que aprender e seja conveniente que o usamos sempre*”.

3.5.2 Metáfora de modalidade

No capítulo 1, discutimos a metáfora de modalidade enquanto oração mental projetante ou grupo preposicional, tendo-se em conta quatro tipos de modalidade: de possibilidade, de usualidade, de obrigação e de inclinação.

No *corpus* foi notado que os aprendentes conseguem usar metáforas de modalidade, flexivelmente e com variação assinalável. Em seguida, apresentam-se exemplos produzidos

pelos alunos:

A. explícito—subjetivo

34. *Acho que* vocês podem aumentar mais pontos de viagem, como a Amazonas, Malásia, Tailândia etc.

35. Para além disso, *não acho que* seja necessário mudar mais nada.

36. *Acredito-me* uma jovem trabalhadora, simpática e estou pronta para enfrentar qualquer desafio.

B. explícito—objetivo

37. *Todos sabem que* o seu emprego é um dos chefes na área de marketing.

38. Com a minha experiência de ensino e amor pelas línguas, *é claro que* sou uma boa candidata ao emprego que V. Exa. propõe.

39. *Diz-se que* hoje em dia, ainda podemos encontrar uma estrela mais clara e grande do que outras, da saudade e de amor do pastor.

C. Intermédio—subjetivo / objetivo

40. *A meu ver*, é prioritário aprender sempre na vida quotidiana, mesmo no trabalho.

41. *Na minha opinião*, os serviços são maus e os seus empregados também são mal-educados.

42. Eu convidaria aos meus colegas de escritório, o MM e o MM, *com certeza* eles gostariam do plano.

A arrumação aqui feita das metáforas de modalidade segue a categorização de Thompson (2014: 73). No corpus, a oração principal com valor modal é sempre usada no presente e faz recurso a *acho que*, *acredito que*, *todos sabem que*, *é claro que*, *diz-se que*; menos em advérbios como *possivelmente* ou *obviamente*. Este tipo de metáfora de modalidade concentra-se, principalmente na possibilidade.

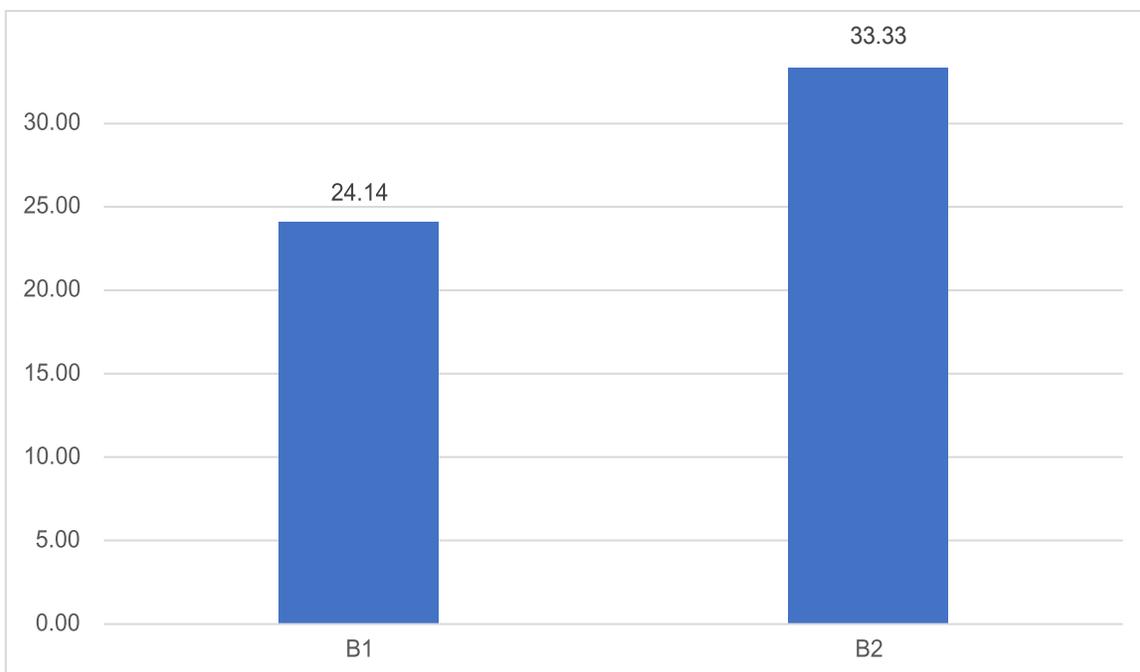
Além disso, arruma-se o quadro de acordo com a classificação de Liardét (2018: 67):

Tipos de metáfora gramatical interpessoal	Exemplos congruentes incongruentes	Função na frase	Exemplos no <i>corpus</i>
Intermédio, implícito— explícito, subjetivo	possível, provável → na minha opinião	circunstância	A meu ver , a gastronomia é sempre ligada à cultura, a qual constitui identidade única e típica de um país.
Intermédio, implícito— explícito, objetivo	probabilidade, certo → com toda a certeza	circunstância	Eu convidaria aos meus colegas de escritório, o MM e o MM, com certeza eles gostariam do plano.
explícito, subjetivo	possível, provável → acho que, acredito que	oração projetante	Após a minha análise, penso que os seus serviços não correspondiam ao anunciado.
explícito, objetivo	seguramente, certamente → é provável que	oração projetante	Todos sabem que o seu emprego é uma das chefes na área de marketing.
modal enquanto coisa	seguramente, provável → probabilidade, possibilidade	participante	Estudar fora do seu país é uma boa possibilidade para aprender mais sobre outras culturas e sobre a vida em geral.

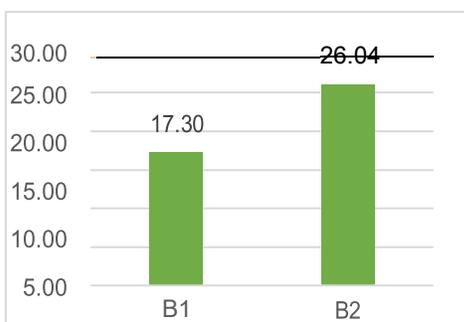
Quadro 6. A classificação de Metáfora interpessoal segundo Liardét.

3.6. Apresentação dos dados nos níveis B1 e B2

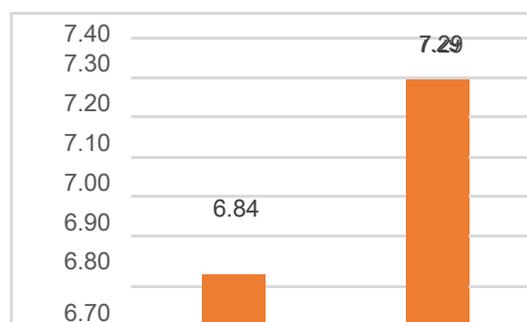
Nesta investigação, estão já englobados os dados referentes aos totalmente 253 textos no estudo sob os tópicos referidos no capítulo 3; 153 no nível B1 (30991 palavras), 100 no nível B2 (18511 palavras). Importa referir que nos apenas temos em conta as percentagens e os resultados não foram influenciados pelas diferenças em números de textos e caracteres. Tendo em conta o número de palavras envolvido, o cálculo é normalizado às 1000 palavras.



Quadro 7. Percentagem de MG nos níveis B1 e B2



Quadro 8. Percentagem de Metáfora Ideacional nos níveis B1 e B2



Quadro 9. Percentagem de Metáfora Interpessoal nos níveis B1 e B2

Podemos ver as percentagens de elementos envolvendo MGs, tendo em conta a totalidade dos enunciados são 2.41% no nível B1 e 3.33% no B2. Indica que os alunos no nível B2 poderiam usar mais MG do que os no B1. O segundo aspeto que merece referência diz respeito aos alunos no nível B1, de percentagem significativamente baixa nas metáforas ideacional e interpessoal (1.73% e 0.685%, respetivamente), valores inferiores ao nível B2 (2.60% e 0.73% respetivamente).

De uma maneira geral, os resultados obtidos são consistentes com a conclusão de Sun (2015), na sua investigação de MG nos níveis A2 e B, também obteve o resultado semelhante. “(...) a transição do nível elementar (nível A2 do QEER) para o nível intermédio (nível B do

QECR) representa um grande incremento no recurso às MGs.” (Sun, 2015: 111)

Usos com maior incidência no Nível B2

Faremos referência, em primeiro lugar, às ocorrências mais frequentes, para depois destacarmos algumas particularidades. Recorreremos, para o efeito, à tipologia proposta por Halliday, anteriormente referida.

Nos níveis B1 e B2, os tipos mais comuns são: processo >> coisa, qualidade >> coisa, relator >> circunstância, +processo, coisa >> expansão de coisa e circunstância >> expansão de coisa.

Nos textos do nível B2 regista-se uma maior variação nas escolhas dos aprendentes, que se manifesta por uma maior ocorrência de MGs dos tipos proposição > coisa, conjunção > coisa, conjunção > processo e tipo (+ fenómeno).

Alguns exemplos no *corpus*:

1. Tipo 3 (proposição > coisa)

Após o jogo, tomámos duche.

A forma congruente, de acordo com o contexto, seria: “*Depois de jogámos duas horas, tomámos duche.*” Não aparece nos textos no nível B1 e indica que poderia causar dificuldade para os aprendentes.

2. Tipo 4 (conjunção > coisa), Tipo 11 (+ fenómeno)

Uma consequência deste fenómeno pode ser [a] superficialização deste contacto.

Comparando com a forma congruente “*Esse contacto pode tornar-se mais superficial por a relação ser através do facebook.*”, o enunciado metafórico utiliza a “consequência” como participante e utiliza tipo 11 (+fenómeno) para substituir “*a relação ser através do facebook*”.

3. Tipo 9 (conjunção > processo)

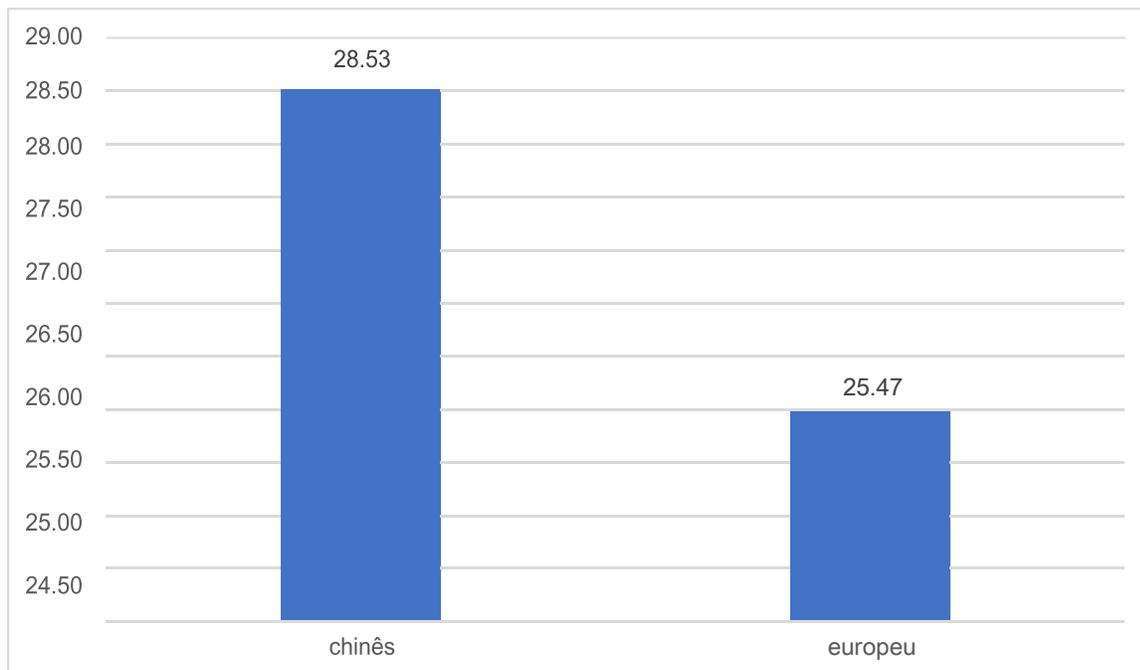
Sim [,] estes meios da comunicação nova[o]s permitem-nos falar mais rápido, falar com pessoas com quem nunca antes podíamos conversar.

A função de palavra “permitem” será igual à conjunção “já que”. Por frase metafórica, a sequência, como “*Sim, podemos conversar já que estes meios de comunicação são mais rápidos.*”, torna-se para a figura.

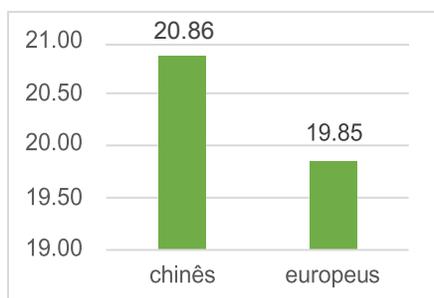
Através por exemplos em cima, podemos observar que a aparência frequente do tipo 4 e 9 indica a tentativa de transformar a sequência, não apenas a transformação entre os elementos e as figuras.

3.7 Comparação dos dados dos aprendentes chineses e europeus

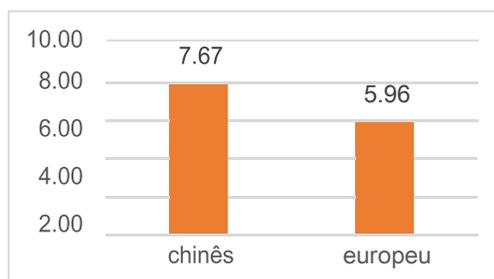
No que diz respeito à comparação dos aprendentes chineses e europeus, para avaliar a capacidade real dos chineses e europeus, será necessário manter equilíbrio entre os textos dos chineses e europeus (assim, 123 e 130 textos, respetivamente).



Quadro 10. Percentagem de MG nos textos dos aprendentes chineses e europeus



Quadro 11. Percentagem de Metáfora Ideacional nos textos dos aprendentes chineses e europeus



Quadro 12. Percentagem de Metáfora Interpessoal nos textos dos aprendentes chineses e europeus

Como se pode constatar nos três gráficos, através da investigação, não existe a grande distância entre as percentagens de MG dos chineses e europeus, tendo a percentagem dos chineses atingido um nível mais elevado (2.85%) e para os europeus, 2.58%. Também tem em conta metáfora ideacional e metáfora interpessoal, 2.09% e 1.95% na metáfora ideacional; 0.77% e 0.60% na metáfora interpessoal, respetivamente para os chineses e europeus. Além disso, foi observado que MG é um problema que interfere aprendizagem, mas não interfere com forma diferente para os chineses e europeus. Na secção anterior, já percebemos como os alunos usavam MG no *corpus*.

A raridade dos estudos desta não permite a especulação a partir de comparações com estudos anteriores. Porém, a investigação de Liardet (2180) acima referida a propósito da nossa categorização oferece algum contraste interessante. Se bem que orientada para investigar o Inglês para Fins Académicos e determinando um tempo de investigação estendido por quatro semestres, a investigação refere alguns dados interessantes quanto à metáfora interpessoal – o recurso à metáfora ideacional não é linear, podendo-se encontrar frequências mais baixas nos últimos semestres do estudo.

“Across the four semesters of the study, the deployment of interpersonal metaphors is most frequent in the second semester (i.e., 6.9 instances) with the lowest frequency found in Semester 3. As referenced above, this marginal increase in the frequency of interpersonal metaphors (i.e., from 5.2 instances in Semester 1 to 5.7 in Semester 4) does not necessarily indicate a lack of development. On the contrary, the deployment of subjective and contracting metaphors detracts from the general aims of English for Academic Purposes (e.g., EGAP) and thus, a reduction in the occurrence of such realizations is an indicator of development.”

Liardet (2018: 71-72)

O autor, ao contrário de nós, tem dados para concluir que a redução de

ocorrências deste tipo de realizações é um indicador de desenvolvimento da escrita académica dos seus autores.

3.8. Metáfora domesticada

Por último, vamo-nos referir à metáfora domesticada e às suas ocorrências no *corpus*.

Na tabela abaixo, apresentam-se todas as construções suscetíveis de serem classificadas enquanto metáfora domesticada, tal como foi discutido em Capítulo 1. Obviamente que as expressões mais frequentes são locuções ou expressões fixas da língua. De entre estas ocorrências, as mais frequentes, leia-se repetidas, foram “fazer viagem”, “fazer parte de”, “fazer compras” e “de modo que”.

expressão	significado e explicação
Assim, fico à sua disposição sobre qualquer dúvida que tenha e, sobretudo, acerca de uma possível entrevista.	ficar pronto a servir, ajudar
Senão, vou fazer uma queixa na comissão dos consumidores.	queixar-se, mostrar-se ofendido
Era quase meia-noite, nós estávamos com muita fome .	ter fome, “com” nesta expressão significa companhia
Eu e alguns colegas queríamos ir de autocarro para dar uma volta da cidade, no entanto, não conseguimos encontrar o autocarro certo.	passar
Se tratá-los bem, os animais vão saber, eles vão ficar à volta de ti, eles não abandonar-te-á, os animais são o mais fiel amigo sempre!	Perto de
Espero que faça bom tempo , porque quero banhar-me no rio, que é muito agradável no verão.	Estar sol, agradável
Koh Samui é uma ilha pequena que faz parte desse grande país. Há muitos sítios que valem a pena ser vistos.	Pertencer a (merecer o esforço, compensar)
A presença de tantos prédios vazios e - ao mesmo tempo - de tantas pessoas sem casa deixa uma impressão negativa em muitos	impressionar

<p>turistas, o que faz que eles percebem Lisboa como uma cidade decadente e patética.</p>	
<p>Ser capaz de ler e de escrever uma língua abre as portas para um mundo muito rico e com uma enorme dimensão.</p>	oportunizar, favorecer
<p>Apesar de o governo já ter construído muitos projectos de modo a que passasse a utilizá-lo, ainda não conseguimos aproveitá-lo à sua vontade, devido à falta da tecnologia relevante.</p>	Com a finalidade de...
<p>Se nós tivermos poder, porque não os dê a mão?</p>	ajudar
<p>O slogan conta-nos que há heróis dentro nos nossos corpos que nós nunca sabíamos e está a chamar a atenção para participarmos nessa campanha.</p>	fazer com que algo que seja notado ou destacado;
<p>Tudo isso porque quero abrir os meus olhos e descobrir novos valores da minha vida.</p>	Tomar consciência de, tirar (alguém) da ignorância ou ilusão em que estava.
<p>Divertimos os tempos para fazer várias coisas, tal como passear, ir às compras, jantar com amigos, conversar com familiares, não só ficam em casa, nem esconder o mundo fechado.</p>	comprar
<p>Foram os países mais ricos do momento: Inglaterra, França, Itália, Espanha os que teriam feito grandes viagens com caravelas cheias de vontade.</p>	viajar
<p>Lá faremos caminhada e campismo ao ar fresco.</p>	caminhar, andar
<p>Por outro lado, posso dizer que os jovens são menos fiéis do que antes porque costumam fazer amor com várias pessoas.</p>	ter relações sexuais
<p>É possível fazer a diferença na vida de outras pessoas com um pouco de comida.</p>	diferenciar
<p>(...) por exemplo, tomam o banho ao cão, passeiam com o cão e cozinham para eles.</p>	Banhar-se, mergulhar o corpo ou parte dele em água ou passá-lo por água por motivos higiénicos ou para se refrescar.
<p>Por causa da falta de tradutores ou intérpretes, é complicado fazer negócios ou comunicações entre países de diferentes</p>	fazer negócio: negociar

línguas.	
Com o objetivo de recuperar a sua reputação, Geraldo tomou a decisão de reconquistar a região.	decidir

A razão principal por que não consideramos no corpus a metáfora domesticada teve a ver com, não só a possível distorção que o seu uso traria às percentagens do *corpus* (frequentemente, a MG domesticada é confundível, por exemplo com uma locução prepositiva), como com a percepção, como falante de mandarim e aprendente de português PLE, de que as MGs domesticadas, apresentam-se ao aprendente de PLE como uma questão meramente lexical, o que também distorceria as motivações deste trabalho. Em todo o caso, as referências que acima fazemos ajudarão a compreender o uso da MG por aprendentes destes dois níveis.

Considerações finais

Tínhamos como propósito desta dissertação tentar perceber o modo como a MG emerge no discurso dos aprendentes de PLE, nos níveis (B1 e B2) e como estes interiorizam o uso da categoria. Além disso, pretendemos perceber se o recurso à MG por aprendentes chineses se realiza de modo idêntico ao de outros públicos.

Apesar de estarmos longe de determinar as razões pelas quais os falantes optam pela forma congruente ou metafórica, é possível, sem grande margem de erro, afirmar que essa escolha está marcada culturalmente e sofre forte influência do contexto em que a interação se realiza. Partimos, frequentemente, da ideia de que a forma congruente é mais fácil e está mais disponível ao aprendente de PLE, o que não será verdade: é seguro que a escolha metafórica induz um discurso mais complexo, uma frase mais condensada; porém, os elementos que a compõem, em si, podem não representar dificuldade particular ao aprendente de PLE. As nominalizações, por exemplo, podem colocar-se enquanto mera questão lexical, ao aprendente chinês, mas o processo de realização, em si, verificou-se ser muito acessível.

Neste quadro, interessava também perceber se as interferências em enunciados marcados pela MG são fortuitas ou comuns, se são mais próprios do aprendente chinês do que de outros aprendentes. Neste particular, não foi possível levar a investigação mais longe do que as demonstrações feitas, uma vez que foram muito idênticos os comportamentos discursivos dos alunos chineses e não chineses. Nestas demonstrações, demos particular importância às alterações estruturais envolvidas, procurando, nelas, dar conta da bibliografia mais recente – por exemplo, baseados nas orientações subjetivo-objetivo, verificámos como elas carregam intenções enunciativas muito distintas. Neste particular, longe de estarmos em condições de revelar o verdadeiro estatuto ou interferência da MG no ensino das línguas, demos conta do modo como as mudanças estruturais aos níveis semântico e léxico-gramatical se processam e podem ser

marcantes no fraseado.

Como seria de esperar, o recurso à MG aumentou, relativamente, com o avanço do conhecimento do português por parte dos alunos, confirmando-se que as alterações estruturais, exigindo uma maior complexidade, vão colocando questões novas aos aprendentes; em todo o caso, o discurso dos alunos de B2 está mais impregnado de MGs do que o dos alunos de B1. As alterações não são apenas quantitativas, como também qualitativas. Os itens envolvidos em MG representam um aumento de cerca de um por cento do nível B1 para B2, sendo este aumento mais claro no que diz respeito à metáfora ideacional. Tudo leva a crer que a metáfora interpessoal é a que mais interessa ou é mais fácil interiorizar para os alunos na primeira fase da aprendizagem.

Estas são as ideias gerais resultantes da análise do *corpus* com a consideração dos dois públicos considerados. Porém, foi possível ainda determinar quais preferências de realização dos alunos, sobretudo do nível B2, já que este nível representa o estado mais avançado do domínio da metáfora. Lembramos aqui que foram eliminados do corpus, para efeito estatístico, as metáforas domesticadas e as ocorrências em muitas das situações em que as línguas chinesa e portuguesa têm idênticos usos, como é o caso de muitas nominalizações. Portanto, os dados acabam por ser significativos e orientam-se por uma tendência de realização: em primeiro lugar, verificamos mudança preposição > coisa (cf. *após termos jogado* > *após o jogo*) ou conjunção > coisa (cf. *esse contacto pode tornar-se mais superficial* > *a superficilização*) ou conjunção > processo (cf. *já que* > *permitem*) (Capítulo 3: 21). Estas são, portanto, preferências de realização do nível B2 apuradas do *corpus*. Outro assunto que marcava os propósitos deste trabalho era o apuramento de possíveis diferenças entre o comportamento discursivo dos aprendentes chineses e o dos restantes públicos. O *corpus* revelou que, apesar das percentagens serem idênticas, os alunos chineses fazem, relativamente mais uso de metáforas gramaticais, não confirmando, portanto, nenhuma das afirmações ou ideias pré-concebidas que professores e alguns investigadores antecipam. Com efeito, os alunos chineses têm um comportamento idêntico, recorrendo até mais assiduamente à MG, sobretudo nos géneros típicos do nível B1. Esta proximidade de comportamento entre os chineses e os alunos não chineses é muito mais evidente na metáfora interpessoal. Aparentemente, a metáfora

interpessoal é aquela que se manifesta se mais fácil, mais próxima do hábito dos alunos ou mais adequada aos gêneros e situações que eles têm de interpretar nesta fase da sua aprendizagem. Portanto, podemos concluir que, por comparação, a metáfora ideacional é que coloca mais barreiras, é menos necessária nos gêneros envolvidos ou é aquela que os alunos mais evitam. Não cabe nos limites deste trabalho determinar qual das três hipóteses é preponderante. Curiosamente, se se for verificar a diferença entre os alunos chineses e não chineses, é justamente na metáfora ideacional que os alunos chineses se mostram, comparativamente, mais perseverantes.

As questões acima levantadas, decorrentes deste estudo, provam que há muito a investigar quanto ao discurso metafórico e à sua gestão no contexto de aprendizagem de uma língua não materna. Globalmente, esta dissertação, que tem as limitações de um corpus orientado por alguns gêneros discursivos e não por outros porventura mais usados na língua, já que os textos foram escritos por alunos na sequência do seu trabalho de aprendizagem da língua. Os textos não deixam de revelar, ainda algumas características que limitam o trabalho do investigador. Por exemplo, em vários textos do nível B1, foi notória a possibilidade de decalque de enunciados aprendidos na aula pertencentes a gêneros discursivos e a situações comunicação ainda muito fixas (típicas dos níveis A1 e A2) ao contrário no nível B2.

Apesar das limitações associáveis ao *Corpus*, à carência de estudos com que possa dialogar e às restrições da própria investigação, pensamos ser já possível demonstrar que um professor de língua deve dar muito importância à quantidade e qualidade MGs propostas nos textos dos alunos e que deve ter em conta, para efeitos de avaliação contínua, os dados do uso da MG; densidade e propriedade. Não nos parece, no entanto, que se tenha, neste particular, que dar mais atenção ao público chinês do que a outros públicos.

Referência Bibliográfica

- Aristotle. (1932). *Poetics. Aristotle in 23 Volumes*. (Translated by W.H. Fyfe) Cambridge, MA: Harvard University Press. Retrieved December 4, 2014, from <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0056>
- Avelar, A. M. S. (2008). *Gêneros e registros do discurso no ensino de línguas: proposta de aplicação ao ensino de PLE e monitorização em contexto*. Universidade de Lisboa.
- Azabdaftari, B. (2015). Grammatical metaphor: Exploring the semogenic power of language. *Iranian Journal of Language Research*, 3(2), 15-28.
- BLCU. BCC 现代汉语语料库 . BLCU. Retrieved July 13, 2015, from <http://bcc.blcu.edu.cn/index.php>
- Bussmann, H. (1996). *Routledge Dictionary of Language and Linguistics*. (G. Trauth & K. Kazzazi, Eds.). Routledge.
- Chen, S. (陈四海). (2013). 认知隐喻视野中的亚里士多德隐喻观 (The Metaphorical Perspective of Aristotle in Cognitive Metaphor). *Journal of Anhui University (Philosophy & Social Sciences)*, 3, 11–17.
- Chen, Z. & Jiang G. (陈治安, & 蒋光友). (1999). 隐喻理论与隐喻理解 (Metaphor Theory and Metaphor Comprehension). *Journal of Southwest China Normal University (Philosophy and Social Sciences)*, 25, 97–100.
- Conselho da Europa. (2001). *Quadro europeu comum de referência para as línguas: Aprendizagem, ensino, avaliação*.
- Deigan, Alice. (2005). *Metaphor and Corpus Linguistics*. John Benjamin.
- Derewianka, B. (2003). Grammatical Metaphor in the Transition to Adolescence. In M. Taverniers & L. Ravelli (Eds), *Grammatical Metaphor: View from systemic functional linguistics*, (pp.185—220), Amsterdam: John Benjamins.
- Eggins, S. (2004). *An Introduction to Systemic Functional Linguistics* (2nd ed.). Continuum.

- Fan, W. (范文芳). (1996). 语法隐喻对语篇难易度的运行 (Grammatical Metaphor and a Text's Difficulty). *Journay of Peking University (Foreign Language and Culture)*.
- Fan, W. (范文芳). (2001). 语法隐喻理论研究 (The Theoretical Research on Grammatical Metaphor). Foreign Language Teaching and Research Press.
- Halliday, M. A. K. (1956). Grammatical categories in Modern Chinese. *Transactions of the Philological Society*, 55(1), 177–224. doi:10.1111/j.1467-968X.1956.tb00567.x
- Halliday, M. A. K. (1978). *Language as a Social Semiotic: Social Interpretation of Language and Meaning*. Open University Set Book.
- Halliday, M.A.K. (1985). *An Introduction to Functional Grammar* [M]. London: Edward Arnold.
- Halliday, M. A. K., & J.R. Martin. (1993). *Writing Science: Literacy and discursive power*, London: Falmer Press.
- Halliday, M. A. K. (1994). *An introduction to functional grammar(功能语法导论)* (Second.). Beijing: Foreign Language Teaching and Research Press; Edward Arnold (Publishers) Limited.
- Halliday, M. A. K. (1996). Things and relations: Regrammatizing experience as technical knowledge. In J.R.Martin & R.Veel (Eds.), *Reading Science: Critical and Functional Perspectives on Discourse of Science*, (pp. 185-236), London: Edward Arnold.
- Halliday, M. A. K., & Matthiessen, C. M. I. M. (1999). *Construing experience through meaning: A Language-based Approach to Cognition*. Continuum.
- Halliday, M. A. K., & Matthiessen, C. (2004). *An Introduction to Functional Grammar* (3rd ed.). Great Britain: Arnold, a member of the Hodder Headline Group.
- Hu, Z. (胡壮麟). (1996). 语法隐喻 (The Grammatical Metaphor). *Foreign Language Teaching and Research (bimonthly)*, 4, 1–7,80.
- Hu, Z. (胡壮麟). (2000). 评语法隐喻的韩礼德模式 (Comments on Halliday's Mode in Gramatical Metaphor). *Foreign Language Teaching and Research (bimonthly)*, 2, 88–94.
- Hu, Z. (胡壮麟). (2014). 语言学教程 *Linguistics: A Course Book*. (Jiang, W. & Qian J., Eds.) (4th ed.). Peking University Press.

- Jing, A. (靖安典). (2009). 国内语法隐喻研究综述 [J] (A Survey of the Study of Halliday's Grammatical Metaphor). *Jornal of Nanyang Normal University*, No.5, 119—121.
- Lakoff, G. (1993). The Contemporary Theory of Metaphor. In Ortony, Andrew (ed.), *Metaphor and Thought*, (pp.202—251), Cambridge University Press.
- Liardét, C. (2018). 'As we all know': Examining Chinese EFL Learner's use of interpersonal grammatical metaphor in academic writing. *English for Specific Purposes* 50, 64—80.
- Martin, J. R. (1991). Nominalization in science and humanities: Distilling knowledge and scaffolding text. In Ventola, E (ed.). *Functional and Systemic Linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Martin, J. R. (1992). *English Text: System and Structure*. John Benjamins Publishing.
- Martin, J. R. (1993) Life as a Noun: Arresting the Universe in Science and Humanities. In Halliday. M. & Martin. J. R (Eds.), *Writing Science: Literacy and Discursive Power*, (pp. 221—267), London: The Falmer Press.
- Martin, J. R. (2008). Incongruent and proud: De-vilifying 'nominalization'. *Discourse and Society* 19, 827—836.
- Online Etymology Dictionary. (n.d.). Retrieved December 4, 2014, from <http://www.etymonline.com/index.php?term=metaphor>
- Palmer, F. R. (2001). *Mood and Modality* (2nd ed.). Cambridge University Press.
- Pardal, L., & Lopes, E. S. (2011). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. (S. A. Areal Editores, Ed.).
- Paul Ricœur. (2003). *The Rule of Metaphor: The creation of meaning in language* (English Ed.). London: Routledge Classics.
- Portuguesa, I.-I. da C. e L. (n.d.). Estrutura do curso. Retrieved August 31, 2015, from http://www.iclp.letras.ulisboa.pt/Paginas/Pt/ca1516_niveis.html
- Priberam. (n.d.). *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha]*. Retrieved from <http://www.priberam.pt>

- Quintilian. (1920). *The Institutio oratoria of Quintilian*. Cambridge, Mass.:Harvard University Press. Retrieved April 19, 2015, from <https://archive.org/details/institutioorator00quin>
- Raposo, E. B. P., Do Nascimento, M. F. B., Da Mota, M. A. C., Segura, L., & Mendes, A. (2013). *Gramática do Português* (1st ed.). Lisbon: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Richards, I. A. (1936). *The Philosophy of Rhetoric*. Oxford University Press.
- Richards, J. C., & Schmidt, R. (2010). *Longman Dictionary of Language Teaching and Applied Linguistics* (4th ed.). London: Longman.
- Revelli, L. (1988). Grammatical metaphor: An initial analysis. In Erich. H. & Veltman (Eds.), *Pragmatics, Discourse and Text. Some systemically-oriented approaches*, (pp. 133–147). London: Pinter.
- Sun, Y. Q. (2015). Processos Metafóricos no Desenvolvimento da Escrita em Aprendentes Chineses de PLE. Universidade de Lisboa.
- Searle, J. R. (1979). *Expression and meaning: Studies in the Theory of Speech Acts*. Cambridge University Press.
- Shu, D. (束定芳). (2000). 隐喻学研究 *Studies in Metaphor*. Shanghai: Shanghai Foreign Language Education Press
- Simom-Vandenberg, A.-M., Taverniers, M., & J.Ravelli, L. (Eds.). (2003). *Grammatical Metaphor: Views from systemic functional linguistics*. John Benjamins Publishing Company.
- Tavares, A. (2005). *Português XXI 2 - Livro do Aluno*. Lidel.
- Tavares, A. (2010). *Português XXI 3 - Livro do Aluno*. Lidel.
- Taverniers, M. (2003). Grammatical metaphor in SFL: A historiography of the introduction and initial study of the concept. In A.-M. Simom-Vandenberg, M. Taverniers, & L. J.Ravelli (Eds.), *Grammatical Metaphor: Views from systemic functional linguistics* (pp. 5–33). John Benjamins Publishing Company.
- Thompson, G. (2014). *Introducing Functional Grammar* (3rd ed.). Routledge:Taylor & Francis Group.

- Wang, X. (2006). Grammatical Concepts and their Application in Foreign Language Teaching. *Australian Association for Research in Education*.
- Yang, Y. (2008). Typological interpretation of differences between Chinese and English in grammatical metaphor. *Language Science* 30, 450—478.
- Yang, B. (2018). Textual Metaphor Revisited. *Australian Journal of Linguistics*, 38: 2, 205—222.
- Zhu, Y. (朱永生). (1994). 英语中的语法比喻现象 (Grammatical Metaphor Phenomenon in English). *Journal of Foreign Languages*, 1, 8—13.
- Zhu, Y. & Yan, S. (朱永生, & 严世清). (2000). 语法隐喻理论的理据和贡献 (The Contribution and Basis for the Grammatical Metaphor Theory). *Foreign Language Teaching and Research (bimonthly)*, 2, 95—102.
- Zhu, Y. & Yan, S. (朱永生, & 严世清). (2001). 系统功能语言学再思考 *New Reflections on Systemic Functional Linguistics*. Shanghai: Fudan University Press.